

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE UMA TRAJETÓRIA:  
APA – Associação dos Produtores Alternativos de Ouro Preto do Oeste - RO**

**PORTO VELHO  
2008**

**SELMA SUELY DE OLIVEIRA SARMENTO**

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE UMA TRAJETÓRIA:**  
**APA – Associação dos Produtores Alternativos de Ouro Preto do Oeste - RO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da universidade Federal de Rondônia, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Geografia – Linha de pesquisa: Populações Amazônicas e Cidadania.

Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva

**PORTO VELHO**  
**2008**

OLIVEIRA SARMENTO, Selma Suely de.

A Representação Social de uma trajetória: APA – Associação dos Produtores Alternativos de Ouro Preto do Oeste - RO/ por Selma Suely de Oliveira Sarmento. – Porto Velho, RO s.n., 2008, 112 p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Rondônia. Núcleo de Ciências e Tecnologia – NCT, Porto Velho/RO.

Linha de Pesquisa: Populações Amazônicas e Cidadania

Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva

1. Palavras-Chave: Organização Social, Desenvolvimento, Sustentabilidade, Espaço social.

**Selma Suely de Oliveira Sarmento**

**A Representação Social de uma trajetória: APA – Associação  
dos Produtores Alternativos de Ouro Preto do Oeste - RO**

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre no Programa de Mestrado em Geografia da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Josué da Costa Silva – Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Lílian Maria Moser

Porto Velho, Novembro de 2008.

Dedico este trabalho a minha incentivadora família amada. Meu marido Sarmento, meus filhos Fábio e Flávia. Meus pais Edmundo Brito e Alzira que mesmo longe se fizeram presentes em meu coração nos momentos necessários e razão principal pra que eu pudesse chegar até aqui, meus queridos irmãos, todos distantes, a Bruna e Bruno e meus fiéis e amados Thobias, Dhara (agora uma estrela), Nicole, Lilica e Kiko.

## **AGRADECIMENTOS**

Acima de tudo ao Pai Celestial, que transforma sonhos em realidade, que nos acalenta quando pensamos estar só, que nos direciona quando imaginamos navegar à deriva.

A minha família, uma dádiva divina, meu marido e companheiro Sarmiento, meus filhos amados Fábio e Flávia pela compreensão, apoio e carinho desprendido. Aos novos membros queridos Bruna e Bruno. Meu pai Edmundo Brito, minha referência de vida e minha mãe Alzira, mulher guerreira.

E seguindo a lógica, de que a construção de um trabalho de pesquisa de dissertação envolve muitas pessoas e instituições, pois somente desta forma é possível concluí-la. Portanto, é impossível agradecer aqui de um a um a todos os que de alguma forma contribuíram para este trabalho. Assim, agradeço a todos os que entenderam minha ausência, que me falaram que me escutaram e que me suportaram durante minhas inseguranças.

A Universidade Federal de Rondônia, através do Programa de Mestrado em Geografia, pela possibilidade da pesquisa e do crescimento.

### **E meu agradecimento muito, muito especial:**

Ao Prof. Dr. Josué da Costa Silva, de quem tive o privilégio de ser orientanda, pela sua paciência, dedicação, orientação, e principalmente pela confiança e momentos fraternais adquiridos ao longo desta caminhada de estudos e orientações. .

Ao Prof. Dr. Clodomir Santos de Moraes, pelas suas ricas contribuições teóricas, seus ensinamentos de vida, suas indicações de leituras e conversas informais que foram suprimindo os momentos de dúvidas,

disponibilizando seu valioso tempo, com quem aprendi o verdadeiro sentido da pesquisa, sou imensamente grata.

A Prof. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva, pela amizade concedida, pelas gargalhadas desprendidas e pela orientação valiosa durante a qualificação.

A Prof. Dra. Lilian Maria Moser, pela sua gentileza no aceite de participar da banca de qualificação, sua delicadeza de dizer, o que me honrou com suas sugestões, contribuições e orientações.

Aos professores do programa de mestrado, pelo crescimento intelectual e pela amizade surgida durante este percurso e aos colegas de mestrado, pelo companheirismo durante as disciplinas.

A Telma Fortes, companheira de estudo, amiga, que dividimos muitas inseguranças e juntas compartilhamos muitos momentos importantes em nossas vidas.

Ao Adriano Saraiva, amigo de muitas horas, algumas de suas sempre pertinentes considerações foram bem recebidas para este trabalho finalizar.

Aos associados da APA, que gentilmente concederam seu tempo para as entrevistas e questionários, meu carinho muito especial a cada um.

A todas as pessoas que muito contribuíram para esta realização.

Há muito que aqui no meu peito  
Murmuram saudades azuis do teu céu  
Respingos de ausência me acordam  
Luando telhados que a chuva cantou  
O que é que tens feito  
Que estás tão faceira  
Mais jovem que os jovens irmãos que  
deixei  
Mais sábia que toda a ciência da terra  
Mais terra, mais dona do amor que te dei

Onde anda meu povo, meu rio, meu peixe  
Meu sol, minha rêde, meu tamba-tajá  
A sesta o sossego da tarde descalça  
O sono suado do amor que se dá  
E o orvalho invisível na flôr se embrulhando  
Com medo das asas do galo cantando  
Um novo dia vai anunciando  
Cantando e varando silêncios de lar

Me abraça apertado, que eu venho  
chegando  
Sem sol e sem lua, sem rima e sem mar  
Coberta de neve, lavada no pranto  
Dos ventos que engolem cidades no ar  
Procuro o meu barco de vela azulada  
Que foi de panada sumindo sem dó  
Procuro a lembrança da infância na grama  
Dos campos tranquilos do meu Marajó

Belém minha terra, minha casa, meu chão  
Meu sol de janeiro a janeiro a suar  
Me beija, me abraça que quero matar  
A doída saudade que quer me acabar  
Sem círio da virgem, sem cheiro cheiroso  
Sem a "chuva das duas " que não pode  
faltar  
Cochilo saudades na noite abanando  
Teu leque de estrelas, Belém do Pará!

Edyr Proença



## RESUMO

A presente pesquisa se pauta no estudo de caso de uma associação de agricultores com princípios voltados a uma forma diferenciada de atuação junto ao público que se propunha a atender, buscando disseminar a idéia de trabalhar a agricultura com outra abordagem que não fosse aquela pautada na derrubada e no uso intensivo de agrotóxicos. A formação de grupos e seus aspectos de associação estão intimamente ligados ao desejo de ação coletiva, seja ela voltada a uma ação continuada específica, caracterizada pela duração no tempo e no espaço, seja ela uma ação pontual ou não. Pelo alcance, este estudo pode ser classificado como transdisciplinar, uma vez que não se confina aos limites de um campo de estudo, devendo buscar argumentos, ao longo do seu desenvolvimento, em diversos ramos da ciência, muito embora tenha como foco principal a geografia. A pesquisa torna-se justificada e relevante quando promove a discussão de um tema que possibilita a correlação dos estudos sobre as organizações nascidas de sonhos de agricultores e a produção de espaços sociais, exatamente em um momento em que o Governo Federal, preocupado com a crise alimentar, passa a fazer um resgate da agricultura familiar através do incentivo ao agronegócio. A Associação dos Produtores Alternativos – APA foi criada no ano de 1992, no município de Ouro Preto do Oeste, Estado de Rondônia, teve seu declínio no ano de 2007, sendo esse nosso recorte temporal para a análise aqui apresentada. A criação da associação foi pautada em ideais de luta pela sustentabilidade entre o econômico, o ecológico e o social para a região, sendo um dos principais objetivos da APA, que se orientou sob a implantação dos sistemas agroflorestais como alternativa para a política de uso da terra. A questão, no entanto estabelece a possibilidade de averiguar as relações sociais, que por si só já são construção de espaços geográficos, o desenvolvimento do grupo, o quanto podem ser resistentes a mudança de seus valores, porém o encaminhamento para o fracasso de uma estrutura consolidada poderia ser parte de uma resistência ou mesmo uma estratégia de sobrevivência para os associados da APA.

**PALAVRAS-CHAVES:** Organização Social, Desenvolvimento, Sustentabilidade; Espaço social.

## **ABSTRACT**

The present research is a guideline in the study of case of an association of agriculturists with principles directed to one form differentiated of performance next to the public who is considered to take care of, searching to spread the idea to work agriculture with another boarding that was not that based in the falling of trees and the intensive use of agROTOXIES. The formation of groups and its aspects of association are closely on to the desire of class action, either it directed to a specific continued action, characterized for the duration in the time and the space, either it a prompt action or not. By the reach, this study it can be classified as to transdisciplinary, a time that is not bordered to the limits of a study field, having to search arguments, throughout its development, in diverse branches of science, much even so has as main focus geography. The research becomes justified and excellent when it promotes the quarrel of a subject that makes possible the correlation of the studies on the born organizations of dreams of agriculturists and the production of social spaces, accurately at a moment where the Federal Government, worried about the alimentary crisis, it starts to make a rescue of familiar agriculture through the incentive to the agrobusiness. The Association of the Alternative Producers - APA was created in the year of 1992, in the city of Ouro Preto do Oeste, State of Rondônia, had its decline in the year of 2007, being this our secular clipping for the analysis presented here. The creation of the association was based in ideals of fight for the support between the economic one, ecological and the social one for region, being one of the main objectives of the APA, that if guided under the implantation of the agroflorestry systems as alternative for the politics of use of the land. The question, however establishes the possibility to inquire the social relations, that by itself already are construction of geographic spaces, the development of the group, how much they can be resistant the change of its values, however the guiding for the failure of a consolidated structure could be part of a same resistance or a strategy of survival for the associates of the APA.

**KEY-WORDS:** Social organization, Development, Support; Social space.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>CAPÍTULO I - ESTRUTURA TEÓRICO-METODOLÓGICA</b>	19
1.1.Trabalho de Campo	21
1.2.Característica dos Colaboradores	27
<b>CAPITULO II – MODERNIDADE E DESENVOLVIMENTO AGRICOLA</b>	30
2.1. Modernidade e Organização de Espaços Sociais	30
2.2. Modernidade e o Campo no Brasil	35
2.3. As Correntes Teóricas e o Desenvolvimento Regional	38
2.4. Desenvolvimento Sustentável	41
2.5. Desenvolvimento Rural	43
<b>CAPITULO III – AMAZÔNIA DO EXTRATIVISMO A FRONTEIRA AGRICOLA</b>	49
3.1. Rompimento “Estratégico” do Extrativismo na Amazônia	49
3.2. Rondônia no Processo de Colonização	53
3.3. O PIC Ouro Preto: Projeto Agrícola e Urbanização	56
<b>CAPITULO IV – A FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES ALTERNATIVOS – APA</b>	60
4.1. A Construção Histórica da APA	62
4.2. Estrutura organizativa da APA	70
4.3. O palmito como principal suporte para o desenvolvimento	73
4.4. Comercialização e Visibilidade	75
<b>CAPITULO V – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>	80
<b>CONSIDERAÇÕES</b>	94
<b>REFERÊNCIAS</b>	97
<b>APÊNDICES</b>	100
APÊNDICE A – Questionário A (Associados)	101
APÊNDICE B – Questionário B (Comunidade)	103
APÊNDICE C – Questionário C (Empresários)	104
<b>ANEXOS</b>	105
ANEXO A: Entrevista realizada no ano de 2006 - Associado 1	106
ANEXO B: Entrevista realizada no ano de 2006 - Associado 2	108
ANEXO C: Entrevista realizada no ano de 2006 - Associado 3	109
ANEXO D: Entrevista realizada no ano de 2006 - Associado 4	110
ANEXO E: Entrevista realizada no ano de 2006 - Associado 5	111

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### **Tabelas:**

Tabela 01: Reconhecimento da APA pela Comunidade	81
Tabela 02: Apresentação de uma proposta alternativa	83
Tabela 03: Geração de mudanças ambientais	84
Tabela 04: Promoção de desenvolvimento econômico	86
Tabela 05: Participação com a comunidade	88
Tabela 06: Mudanças econômicas	89
Tabela 07: Comercialização	90
Tabela 08: Ajuda governamental	91
Tabela 09: Administração	92

### **Figuras:**

Figura 01 – Mapa de Localização do Município de Ouro Preto do Oeste – RO	57
Figura 02 – Foto Frontal da Sede da Associação dos Produtores Alternativos de Ouro Preto do oeste - APA – RO (Indústria, escritório e loja)	72
Figura 03 – Sede da APA – RO (loja frontal)	75
Figura 04 – Sede da APA – RO (Interior da loja)	75
Figura 05 – Selo que os potes de palmitos recebiam quando chegavam no comercio da Europa	77

### **Gráficos:**

Gráfico 01 – Associados da APA por origem	68
Gráfico 02 – Estrutura Organizativa da APA	71

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

APA – Associação dos Produtores Alternativos

CEPLAC – Comissão Executiva do plano da Lavoura Cacaueira

EFA – Escola Família Agrícola

EMATER – Associação de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FIERO – Federação das Indústrias do Estado de Rondônia

FUNBIO – Fundo Brasileiro para a Biodiversidade

IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos naturais Renováveis

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPHAE – Instituto de Pré-História , Antropologia e Ecologia

PIC – Projeto Integrado de Colonização

PIN – Programa de Integração Nacional

PLANAFLORO – Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia

POLONOROESTE – Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil

PRONAF – Programa nacional de Fortalecimento de Agricultura Familiar

RECA – Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado

SAFs – Sistemas Agroflorestais

STR – Sindicato dos Trabalhadores Rurais

SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

## INTRODUÇÃO

O grupo social se converte em coletividade quando, em sua atividade conjunta socialmente significativa, constrói e modifica o sistema das relações interpessoais e de interação pessoal... (MORAIS, 2002, p.30)

A presente pesquisa se pauta no estudo de caso de uma associação de agricultores com princípios voltados a uma forma diferenciada de atuação junto ao público que se propunha a atender, buscando disseminar a idéia de trabalhar a agricultura com outra abordagem que não fosse aquela pautada na derrubada e no uso intensivo de agrotóxicos.

A formação de grupos e seus aspectos de associação estão intimamente ligados ao desejo de ação coletiva, seja ela voltada a uma ação continuada específica, caracterizada pela duração no tempo e no espaço, seja ela uma ação pontual ou não.

Esta formação de grupos, sempre despertou na pesquisadora um interesse maior. Graduei em Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade da Amazônia – UNAMA em 1995, logo após fui trabalhar no Governo do Estado do Pará, com projetos sociais para as comunidades ribeirinhas. As atividades que passei a desenvolver foram distanciando-me de exercer as competências de minha graduação e desta forma o interesse que norteou a estudar contabilidade foi preterido por novas possibilidades de estudos. Havia um horizonte novo sendo me apresentado, que passei a vislumbrar e todos os caminhos só me levavam ao encontro de projetos sociais.

Cheguei a Rondônia em julho de 1998, nas muitas idas e vindas a trabalho na região entre Porto Velho e Vilhena, havia sempre a necessidade de passar dias em Ouro Preto do Oeste, onde pude conhecer de perto a Associação dos Produtores Alternativos. Não houve nesta fase um aprofundamento com a instituição, o conhecimento em relação à associação não passava meramente de consumidora de seus produtos.

Em 2006, por ocasião da seleção do Programa de Pós Graduação Mestrado em Geografia sinalizou um momento oportuno para desenvolver uma pesquisa que pudesse envolver aquela associação. Com a aprovação no Programa de Mestrado, sentia-me muito satisfeita com o rumo da proposta que apresentei, estava pesquisando algo muito prazeroso. Só não esperava que, durante a pesquisa a associação estivesse em vias de falência, o que realmente veio a acontecer.

As primeiras viagens a campo sinalizavam que a associação estava passando por momentos críticos, porém naquele momento ainda havia esperanças entre os associados de que as dificuldades pudessem ser superadas.

Pelo alcance, este estudo pode ser classificado como transdisciplinar, uma vez que não se confina aos limites de um campo de estudo, devendo buscar argumentos, ao longo do seu desenvolvimento, em diversos ramos da ciência, muito embora tenha como foco principal a geografia.

A pesquisa é justificada e relevante, pois promove a discussão de um tema que possibilita a correlação dos estudos sobre as organizações nascidas de sonhos de agricultores e a produção de espaços sociais, exatamente em um momento em que o Governo Federal, preocupado com a

crise alimentar, passa a fazer um resgate da agricultura familiar através do incentivo ao agronegócio. Os resultados desta pesquisa, também podem servir como fonte de consulta para os gestores das organizações da mesma natureza, para o setor público que trabalha com instituições com essa característica, a fim de guiar decisões sob a luz do conhecimento dos resultados que aqui estamos apresentando.

A Associação dos Produtores Alternativos – APA foi criada no ano de 1992, no município de Ouro Preto do Oeste, Estado de Rondônia, teve seu declínio no ano de 2007, sendo esse nosso recorte temporal para a análise aqui apresentada. A criação da associação foi pautada em ideais de luta pela sustentabilidade entre o econômico, o ecológico e o social para a região, sendo um dos principais objetivos da APA, que se orientou sob a implantação dos sistemas agroflorestais como alternativa para a política de uso da terra. Essas transformações que inovam na maneira de plantar, pois “atua como elemento de transformação sócio-político-econômico em uma fronteira experimental para o exercício de novas práticas” (BECKER, 1991). Essa prática, de associar com um diferencial surgiu como um reativo ao modelo de desenvolvimento imposto pelo governo como vemos nas obras de Amaral, (2004, 2007); Becker, (1998); e Santos (2007).

A modernidade produziu grandes desigualdades e mudanças nos mais diversos setores da sociedade como por exemplo, nas relações de trabalho, na forma de organização social, fazendo surgir assim, um dos paradigmas da sociedade atual que é exercer a cidadania e se fundamentando como elemento para a construção da democracia (GIDDENS, 1991).



Todo esse processo de transformações econômicas e tecnológicas modernas e a busca de melhores alternativas de reprodução do capital que passou a exigir novas estratégias para competir nos mercados nacionais e internacionais. Este novo cenário passa a exigir também o acompanhamento dessas evoluções, de desenvolvermos habilidades para responder às exigências do novo tempo, onde cada vez mais exigirão conhecimentos para as atividades (MORAIS, 2002).

Desta forma, sustentabilidade organizativa, pilar para as iniciativas de desenvolvimento e fortalecimento das organizações tendem a influenciar o cumprimento de sua missão, quando passam a consumir mais esforço para gerar recursos financeiros do que para sustentação de sua causa.

A questão, no entanto estabelece a possibilidade de averiguar as relações sociais, que por si só já são construção de espaços geográficos, o desenvolvimento do grupo, o quanto podem ser resistentes a mudança de seus valores, porém o encaminhamento para o fracasso de uma estrutura consolidada poderia ser parte de uma resistência ou mesmo uma estratégia de sobrevivência.

Partindo de nosso objetivo que é pesquisar a APA a partir da organização dos espaços sociais, tendo como nossa categoria de análise a representação social que a APA exerceu durante suas atividades através de sua sustentabilidade organizativa, Assim, nos apoiamos nas considerações teóricas, de Santos (1997, 2000), Harvey (1993) e Boada (1991), Giddens (1991); Martins (2000), Faoro (1992), Oliveira & Stedile (2005), Fausto (1989. Oliveira (2002), Ferreira Neto e Garcia (1987), Boisier (1989), Abramovay (1994), Amaral, (2004, 2007); Becker, (1998); Santos, (2004,

2007), Nascimento Silva (2000), Moser (2006), Moraes (2002), Correia (2005).

Este trabalho está composto por cinco capítulos que procurando contemplar os objetivos desta investigação, dividimos da seguinte forma:

**O primeiro capítulo** trata da estrutura teórica - metodológica utilizada apresenta o processo descritivo do trabalho, os passos para obtenção das informações e a forma como trabalhamos cada informação disponibilizada.

**O segundo capítulo** contextualiza a modernidade e o desenvolvimento através de bases conceituais teóricas pertinentes ao tema, partindo de uma configuração mais ampla até chegar ao ideal de nossa pesquisa.

**O terceiro capítulo** versa sobre a Amazônia, o extrativismo e a fronteira agrícola que orientou o deslocamento de uma população frágil, sem condições de conviver com o avanço imposto, localizando assim de forma mais clara o lócus da pesquisa, o município de Ouro Preto do Oeste.

**O quarto capítulo** trata da Formação da Associação dos Produtores Alternativos – APA, fazendo uma reconstituição de sua criação até sua decadência institucional.

**O quinto capítulo** apresenta a análise dos dados, onde trabalhamos com os resultados expostos em tabelas para uma melhor visualização e compreensão onde apresentamos as análises de cada tabela, sustentados em gravações de associados e anotações dos colaboradores dos questionários.

## 1. ESTRUTURA TEÓRICO-METODOLÓGICA

A estrutura do processo produtivo em que está envolvido o camponês determina muitas de suas atitudes sociais e traços de seu comportamento ideológico no momento em que participa dentro do grupo social. (MORAIS, 2002, p. 54)

Esse trabalho se propôs a realizar estudo de uma associação de produtores alternativos como organizadores de espaços sociais, a nossa categoria de análise se deu a partir da representação social que a APA exerceu durante suas atividades através de sua sustentabilidade organizativa. A análise e compreensão foram realizadas tendo como recorte temporal o período de 1992, ano de nascimento da associação até o encerramento de suas atividades, no ano de 2007.

Optamos por nos orientar nas contribuições teóricas de Santos (1997, 2000), Harvey (1993) e Boada (1991), para a compreensão do espaço transformado pelo homem. Giddens (1991); Martins (2000), Faoro (1992), Oliveira & Stedile (2005), Fausto (1989) para traçarmos uma contextualização sobre a modernidade. Oliveira (2002), Ferreira Neto e Garcia (1987), Boisier (1989), Abramovay (1994) que nos orientam a uma interpretação de desenvolvimento como um processo em permanente construção e implementação onde as forças políticas estabelecidas e presentes na sociedade definirão e determinarão o rumo desse processo em

curso. Moraes (2002), Correia (2005) para a interpretação da Metodologia de Capacitação Massiva.

Tomamos como base Amaral, (2004, 2007); Becker, (1998); Santos, (2004, 2007) e Nascimento Silva (2000) para contribuir acerca da colonização de Rondônia e geopolítica na Amazônia. E Moser (2006) para a construção histórica da associação, além dos colaboradores com suas entrevistas.

Quanto aos meios, esta pesquisa se classifica como estudo de caso, que de acordo com as orientações de Yin, configura-se como “[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.” (2005, p.32)

Ou ainda que possibilite a investigação profunda de uma organização, com o objetivo de testar a validade das hipóteses ou questões de pesquisas construídas a partir de um referencial teórico (GIL, 1996).

Os procedimentos metodológicos utilizados foram de caráter exploratório, onde se procurou levantar questões para solidificar nossa pesquisa, descritivo porque trabalhamos com a realidade de uma organização e qualitativo.

Utilizamos para instrumentos de coleta de dados a observação, fontes orais, entrevistas semi-estruturadas, que possibilitam conhecer determinados processos sociais através daqueles que estão inseridos no contexto em estudo e que de acordo com Thompson, “[...] especialmente se o projeto focar as raízes históricas de alguma preocupação

contemporânea demonstrará muito bem a importância do estudo histórico para o meio ambiente imediato.” (2002, p. 29).

Além de registros fotográficos e questionários direcionados para o contexto da pesquisa. O público alvo da pesquisa foram os associados da APA, os moradores e empresários do município de Ouro Preto do Oeste. Nossa pesquisa quando iniciou no ano de 2006, a APA estava em via de fechamento, portanto continuaremos tratando as pessoas que eram sócias da APA e contribuíram com nossa pesquisa de associados.

### **1.1. Trabalho de Campo**

Foram realizadas quatro viagens a campo, entre os anos de 2006 e 2007. A primeira, que consideramos como exploratória, a nossa estadia no município durou cinco dias, sendo o primeiro dia dedicado exclusivamente na visita a sede da associação, onde nos possibilitaram conhecer alguns associados que visitavam a sede e nortear nossos caminhos.

No primeiro contato com os associados, limitamo-nos a observar e conversar, sentir o ambiente da associação.

A partir de então iniciamos com uma pesquisa documental primária, ou seja, tentamos obter documentos originais desde a criação da Associação dos Produtores Alternativos de Ouro Preto do Oeste, que consistiu em Ata de Criação registrada em cartório, Ata das reuniões deliberativas ou não, contratos, convênios, certidões dos órgãos competentes e relatórios das atividades realizadas.

Os próximos caminhos da primeira visita foram organizados em marcar entrevistas com os associados que visitavam a sede da associação, em visitas a sede da Prefeitura Municipal, a Câmara dos Vereadores e o comércio local, no sentido de aprofundar o conhecimento do objeto de pesquisa, como recomenda Yin (2005).

Passamos então a organizar as entrevistas com os associados, este momento é marcante, pois é exatamente onde encontramos os associados que serão participantes ativos da pesquisa, como nos orienta Meihy posto que “[...] o depoente tem um papel mais ativo, deixando de ser mero informante, ator ou objeto da pesquisa e adquire status de colaborador” (2005, p. 260). Desta forma, para nosso trabalho, vamos nos reportar aos entrevistados como colaboradores.

Foram agendadas as entrevistas com os associados colaboradores da pesquisa, sendo três entrevistas marcadas para o dia seguinte na própria sede da APA, pelo período da tarde. Dois associados colaboradores preferiram marcar na praça central da cidade de Ouro Preto do Oeste e somente no dia posterior as agendadas na sede da associação pelo período da manhã o que causou estranheza em um primeiro momento, pois acharíamos que todos marcariam na própria sede da associação. Mas eles estavam escolhendo um local neutro, fora da sede da associação, porém depois ficou esclarecido que sentiam insegurança em colaborar com as entrevistas na sede da associação, pelo fato de terem que expor os motivos,

que de acordo com eles, poderiam ter sido os causadores do insucesso da APA. Só, que não apareceram somente os dois que haviam marcado as entrevistas, e sim sete associados querendo colaborar, então para não haver tumulto, pois todos queriam falar, e falar bastante, e percebemos que atraia a atenção das pessoas que passavam pela praça, resolvemos organizar da seguinte forma: faríamos três gravações naquela manhã com os associados colaboradores que residiam mais distante da cidade, e os quatro que residiam a menos de 30 km da cidade, se dispuseram a voltar no dia seguinte para poder efetuara as gravações, e assim ficou concordado e foi realizado. E ainda, para que não houvesse indução da fala de um para outro associado, sentamos no banco da praça e gravamos com cada um em separado, sem que os demais pudessem ouvir. Porém, nos cinco dias de estadia no município, recebemos no hotel a visita de mais dois associados, que se dispuseram também a colaborar com a pesquisa, sendo estas entrevistas realizadas no próprio hotel, e estes dois, levaram ao hotel para também colaborarem mais três associados, sendo da mesma forma realizada as entrevistas.

Quanto às entrevistas gravadas, que de acordo com Selltz (1965) é uma técnica que por sua flexibilidade e acessibilidade ao pesquisador é considerada como a técnica por excelência na investigação social. Entendemos que é necessário, quando se propõe fazer uma pesquisa de caráter qualitativo, ter consciência das limitações e, sobretudo, de estar diante de relações complexas. O nosso propósito, quando resolvemos realizar as gravações era acima de tudo o respeito pelos nossos colaboradores. Neste sentido, concordamos com Thompson quando nos

orienta que “[...] o historiador vem para as entrevistas para aprender: sentar-se aos pés de outros que, por provirem de uma classe social diferente, ou por serem menos instruídos, ou mais velhos, sabem mais a respeito de alguma coisa.” (2002, p. 32-33).

É por essas razões que, sempre que foi possível nas entrevistas com os associados, dispensou-se a rigidez de perguntas e respostas, para permitir que pudessem livremente manifestar-se, apenas norteávamos o início das entrevistas com questões gerais, tais como:

- Relate sua experiência enquanto associado (a) da APA,
- As mudanças econômicas e sociais que foram possibilitadas para você,
- O reconhecimento da associação pela sociedade local, pelos empresários, se a APA obteve ajuda, pode falar livremente.

Desta forma, acreditamos que, poderíamos obter informações profundas e relevantes para nosso trabalho, se fosse utilizado um roteiro com perguntas fechadas e com interrupções da fala do colaborador, haveria a possibilidade de indução e certamente não conseguiríamos a reconstrução da história da APA relatada pelos associados, ou mesmo um processo de colaboração muito mais amplo (Thompson, 2002).

Assim, a primeira visita significou para a pesquisa a necessidade de melhorar os planos em relação aos procedimentos, ao conteúdo dos questionários Yin (2005), pois estávamos diante de uma realidade que não esperávamos, a APA estava em vias de fechamento.



Por este motivo, nossa estadia no município de Ouro Preto do Oeste foi prolongada por cinco dias e por resolvemos que as entrevistas e a aplicação dos questionários com os associados colaboradores deveriam ser realizadas durante a primeira visita a campo, pois poderíamos ter muitas dificuldades para localizá-los, já que a referência de encontrá-los com mais facilidade seria a sede da APA.

As outras três viagens foram necessárias para dar continuidade a pesquisa, realizar a aplicação dos questionários para os empresários e a comunidade e prosseguir com a pesquisa documental.

Quanto aos questionários, o nosso objetivo foi verificar a interação da APA com os associados, a comunidade e os empresários, foram elaborados instrumentos diretivos, que identificamos de **questionário A** destinados aos associados, com nove perguntas, **questionário B** para a comunidade e **questionário C** para os empresários, ambos com cinco perguntas, todos com espaços para os comentários.

Os questionários **A**, **B** e **C**, são iguais até a quinta pergunta. Diferenciando somente o questionário **A**, direcionado para os associados a partir da sexta pergunta. Optamos em formular as cinco perguntas iguais para os questionários **A**, **B** e **C** por pensamos que desta forma nos possibilitaria fazer a comparação das três respostas com maior clareza e não correndo o risco de tendências. Quanto ao acréscimo de quatro perguntas para os associados, foi pela necessidade de obter informações mais voltadas para organização de forma interna, que certamente a comunidade e os empresários não poderiam responder.

Os resultados de cada questionário são apresentados em tabelas, por acreditarmos que desta forma possa haver uma melhor visualização e entendimento, e os comentários são feitos após cada tabela. Utilizamos, de modo a corporificar nosso trabalho, somente as gravações dos associados colaboradores, não utilizamos as anotações feitas pelos associados colaboradores nos questionários, pois elas possuíam os mesmos conteúdos das entrevistas, já com os colaboradores empresários e da comunidade, utilizamos suas anotações nos questionários. Solicitamos no final do questionário, a escolaridade e a idade dos colaboradores, para que pudéssemos observar se as respostas são coerentes com o nível de escolaridade e com a idade.

Para nossa amostra, foram preenchidos dez questionários **A** destinado aos associados, dez questionários **B** destinados a comunidade e dez questionários **C** destinados aos empresários.

Não foi tarefa fácil decidir a quantidade de questionários que foram aplicados, a decisão por dez questionários, foi resultado das conversas e entrevistas gravadas com os associados colaboradores, percebemos uma grande dificuldade por parte deles em responder aos questionários, sendo aproveitados somente dez questionários, a partir daí, optamos por elaborar a mesma quantidade tanto para a comunidade quanto para os empresários.

A quantidade de pessoas entrevistadas é de responsabilidade do pesquisador. De acordo com Martins (2002), a composição da amostra não probabilística é aquela em que o pesquisador escolhe intencionalmente um grupo de elementos que irão compor a amostra.

Os questionários aplicados para a comunidade e para os empresários foram preenchidos a partir da segunda viagem a campo, o que proporcionou aos colaboradores sempre sanar alguma dúvida que venham a ter com relação às perguntas. As pessoas e os estabelecimentos comerciais foram escolhidos de forma aleatória, em pontos diferentes do município.

Para obtermos respostas nos questionários direcionados para a comunidade, visitamos quinze residências, fomos recebidos por doze, que responderam em seus próprios lares. Já com os empresários, visitamos dezoito estabelecimentos comerciais, somente em quatorze o proprietário estava presente e aceitou colaborar, respondendo no próprio estabelecimento comercial.

Optou-se por entregar pessoalmente os questionários e esperar que os colaboradores respondessem ou retornar no dia seguinte para buscá-los, pois desta forma tínhamos a certeza que não se perderiam e nem ficariam esquecidos. As pessoas que fizeram parte deste estudo foram informadas dos objetivos da pesquisa, assim como da possibilidade de quererem ou não responder aos questionários, ou mesmo de alguma pergunta contida no texto do questionário que não fossem bem interpretadas.

## **1.2. Característica dos Colaboradores**

As pessoas que colaboraram com as entrevistas gravadas, foram homens e mulheres, todos associados da APA, que totalizaram em quinze entrevistas gravadas. Porém utilizamos somente cinco entrevistas gravadas

em nosso trabalho, por verificar que as falas estavam muito iguais, o que indica que os sentimentos estavam compartilhados.

Já para a aplicação de questionários, contamos com a colaboração também dos quinze associados, descartamos cinco, pois não se sentiam seguros em escrever, disseram ter pouco conhecimento para lidar com a escrita. Todos os que colaboraram respondendo aos questionários possuíam entre 36 e 52 anos e com escolaridade mínima. Os colaboradores da comunidade possuíam idade entre 25 e 53 anos, sendo 2 (dois) com nível superior completo, 1 (um) com superior incompleto, 4 (quatro) com nível médio completo, 2 (dois) com nível médio incompleto e 1 (um) com nível básico.

Quanto aos colaboradores empresários, 1 (um) possuía nível superior incompleto, 7 (sete) possuíam o ensino médio e 2 (dois) o nível básico e a idade variaram em 35 e 55 anos. E a respeito do ramo de atividades dos empresários que colaboraram, são: Comércio de Produtos Rurais (1), Sapataria (1), Hotel (2), supermercado (1), restaurante (1), panificadora (1), posto de gasolina (2), loja de roupas (1).

Pretendendo resguardar a real identidade das pessoas que colaboraram com as entrevistas e com os questionários e ainda para melhor compreensão e podermos diferenciar a fala dos associados colaboradores utilizadas em nossa pesquisa, já que usamos apenas cinco entrevistas gravadas e que não foram utilizadas as anotações feitas pelos associados colaboradores nos questionários pelos motivos que já citamos anteriormente, resolvemos numerar as entrevistas gravadas de 1 a 5, assim

em suas falas serão identificados como associado colaborador 1 ou associado colaborador 3, conforme a necessidade.

Já com os colaboradores da comunidade e empresários, que utilizamos suas anotações nos questionários, numeraremos de 1 a 10, sendo, portanto identificados como colaborador da comunidade 1 ou colaborador empresário 5, também de acordo com a necessidade.

Para organizar a presente pesquisa, as entrevistas gravadas e os questionários foram essenciais para a construção da história da organização em relação à experiência na associação dos entrevistados, do reconhecimento por parte da comunidade e dos empresários.

## **2. MODERNIDADE E DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA**

A atuação dos indivíduos, enquanto sujeitos dos processos da transformação sócio-econômica, tem como fio condutor a estrutura organizativa do processo laboral, que se transforma e evolui na medida em que, gradualmente, o homem vai sobrepondo-se à natureza e independentizando-se dos vínculos que esta lhe impõe. (MORAIS, 2002, p. 39).

### **2.1. Modernidade e Organização de Espaços Sociais**

O advento da modernidade e suas consequências sobre o comportamento dos atores sociais afetaram não só as formas de relacionamento como também o modo como eles se comportavam.

A superação de barreiras geográficas, no sentido das distâncias e temporais nas relações sociais, na educação, nas trocas, nas atividades culturais, nos contatos entre as pessoas, modificam a noção de tempo-espaço social. Essas práticas sociais, cada vez mais orientadas para e pela tecnologia são tempos modernos.

Novas práticas sociais mudam a estrutura e o funcionamento do espaço (SANTOS, 2000). Desta forma, o espaço social tende a emergir, a se organizar em torno das mudanças dos diferentes aspectos da realidade contemporânea (SANTOS, 1996).

Para os Teóricos como Milton Santos (1997), David Harvey (1993) e Luís Boada (1991), a compreensão do espaço se insere num conjunto de questões epistemológicas, no desenvolvimento das ciências e na reorganização social do homem. Neste raciocínio, o espaço está ligado à História, à construção de uma cultura e à apropriação do espaço por homens e mulheres, o que nas palavras de Santos esse mesmo

[...] homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da natureza. (1997, p. 17)

Homens e mulheres são agentes de transformação do espaço habitado pelas suas ações com a natureza, que de acordo com o pensamento do autor: “[...] graças ao modelo da vida adotado pela humanidade daí surgem os graves problemas de relacionamento entre a atual civilização material e a natureza.” (Id. 1997, p.17).

Ainda, com as reflexões do autor “[...] o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá [...]” (Id. Ibid., p.49). As relações do homem com o espaço que a cada modo de produção constitui uma etapa na história e se manifesta pelo aparecimento de novos instrumentos de trabalho e novas práticas sociais.

Desta forma, será sempre testemunha de valores e troca, que transcende o que equivale as ampliações dos espaços de valor (BOADA, 1991, p. 17), ampliando assim suas possibilidades de busca pelo valor. Ou ainda, estando diante de um desafio de enfrentar mudanças na “organização

espacial eficiente” e do “tempo de giro socialmente necessário”, seria uma compressão do espaço-tempo, dos processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo, a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos” (HARVEY, 1992, p.218).

A revolução tecnológica e organizacional provocou neste modelo de relações fortes mudanças na compreensão dos padrões de competitividade entre nações e regiões, na relação entre economia e natureza e na relação entre sujeitos e processo de desenvolvimento, requerendo desses uma ação pro-ativa de identidade, compromisso, empreendedorismo e, sobretudo, apropriação eqüitativa de seus resultados e poderes.

No terreno organizacional este novo modelo redefine as relações de trabalho com a flexibilização, a terceirização, o trabalho autônomo e a construção de novas institucionalidades e formas de organização da sociedade que agora requer sua inserção no processo de gestão social de políticas públicas para o desenvolvimento e a inclusão social.

A modernização substitui as formas de sociedades tradicionais que eram baseados na agricultura, Giddens (1991) considera a modernidade, essencialmente, reflexiva, uma ordem pós-tradicional. Sendo assim, estaríamos então vivendo do que já foi vivido na modernidade, o que o autor sugere ainda ser somente a consequência da modernidade.

[...] um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, podemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é “pós-moderna”; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de “pós-modernidade”. (GIDDENS, 1991, p.13)



Ele observa que vivemos uma época marcada pela desorientação, pela sensação de que não compreendemos plenamente os eventos sociais e que perdemos o controle:

A modernidade pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O ser sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecido em ambientes mais tradicionais. (GIDDENS, 1991, p. 38)

Como a realidade está sempre se alterando, naturalmente as pessoas tendem a decidir entre uma convicção do passado e o presente em constante transformação. Porém, os riscos gerados pelo próprio desenvolvimento lançam problemas antes desconsiderados e que a sociedade passa a conviver, como a exemplo os problemas ambientais e a já anunciada falta de alimento no futuro próximo, que afetam toda uma sociedade de forma global e incerta.

Desta forma, ao se definir como novidade, a modernidade adquire suas características avassaladoras de instabilidade, transitoriedade, velocidade, características que exprimem uma dinâmica interna essencial à compreensão do conceito: por um lado, indicam o sentido de uma dialética onde o novo está destinado a transformar-se em seu contrário, condenando o moderno a designar um espaço de atualidade cada vez mais restrito; por outro lado, remetem a concepção de modernidade a uma relação particular e específica com o universo da tradição e com a dimensão da origem, decorrência de seu esforço permanente e sucessivo de confronto contra o curso naturalizado do tempo.

Ou ainda, é uma modalidade da experiência marcada pela ruptura para com a tradição, que pode ser vista como “[...] realidade social e cultural produzida pela consciência da transitoriedade do novo e do atual” (MARTINS, 2000, p. 19).

Traduzem mudanças constantes, que sintetizava para a racionalidade e o interesse para o progresso, orientando para a vida social e econômica.

Nesta perspectiva, buscamos em Faoro (1992) que faz sua reflexão, entre a modernização e a modernidade de um país. De acordo com as reflexões do autor, as mudanças necessárias não podem partir de uma ideologia e de uma vontade unilateral do Estado.

[...] a modernização chega à sociedade por meio de um grupo condutor que procura moldar sobre o país, pela ideologia ou pela coação, uma certa política de mudança [...] traduz um esquema político para uma ação fundamentalmente política, mas economicamente orientada; por outro lado, o movimento, se de modernidade se trata, não é um reflexo, nem meramente uma transição, mas um processo que não depende de comandos externos para se realizar. (Faoro, 1992, p. 8-18)

A modernidade, de acordo com as reflexões do autor, é algo que decorre da emancipação social, do compartilhamento de idéias e propostas que representam o amadurecimento possível de cada sociedade, em razão dos seus valores, da sua história e da sua capacidade de agir.

## **2.2. Modernidade e o Campo no Brasil**

Dentro da história brasileira o campo apresentou diferentes conceituações, mesmo dentro de cada período histórico, há vários tipos de realidades que puderam ser observadas, neste contexto, pois além de dependerem das transformações globais dependeu também de fatores locais. O que dentro do processo dinâmico da sociedade acabou obrigando aquelas que faziam parte deste cenário a se adaptarem a certos fatores para continuarem a existir.

O Brasil, assim como os outros países latinos americanos, em virtude de seu passado colonial teve seus processos de desenvolvimento e formação econômica limitada e controlada pelos estigmas que se cristalizaram na estrutura produtiva e social, perdurando mesmo quando a industrialização fez com que o sistema colonial se tornasse vazio de sentido.

Dessa forma até o século XVIII, o campo apresentava-se como um território de importância primária para o conjunto da sociedade, tendo uma maior concentração populacional, se comparado ao meio urbano, e representando uma significativa contribuição para a economia em termos produtivos.

A partir desse período, nas palavras de Oliveira & Stedile (2005), inicia-se um processo de transformação da sociedade, na qual a idéia de progresso surge como o caminho a ser trilhado pela humanidade a fim de avançar do passado para um futuro, ou seja, passando do atrasado para o moderno, do rural para o urbano, da agricultura para a indústria.

Essa passagem culminou com a Revolução Industrial no fim do século XVIII, a qual alterou as estruturas econômicas, políticas e sociais daquela época, que passaram a dar maior ênfase à indústria. Com isso, houve um boom nos setores industriais que tiveram crescimento tanto da produção, quanto da absorção no número de empregos, fazendo com que esses setores passassem a garantir a maior contribuição no PIB nacional.

Neste sentido, a agricultura e o campo perderam espaço diminuindo sua importância para a economia, pois já não mais proporcionavam a rentabilidade semelhante aos setores industriais e urbanos. Dessa forma o campo passou a ser considerado um espaço periférico, atrasado e residual; já o urbano, no qual se encontravam as indústrias, como o moderno e o progresso. (OLIVEIRA & STEDILE, 2005)

Portanto, a partir do século XVIII, o rural e o urbano são apresentados com uma perspectiva dicotômica, como sendo pólos opostos, separados e com características antônimas.

Tal visão associa o rural ao atraso, à baixa densidade populacional, ao isolamento, à falta ou precariedade de infra-estrutura. Já, o urbano, apresenta um significado de progresso, desenvolvimento, modernidade, dinamicidade, concentração de serviços, infra-estruturas, comércio, indústria; ou seja, elementos representativos do desenvolvimento.

Dessa forma, o Brasil, beira o início do século XX com grande parte de sua elite rural resistindo a abolir a escravidão, tendo como base sua estrutura produtiva monocultora e latifundista. No entanto, ao mesmo tempo, o mundo assistia a II Revolução Industrial, cujas características principais

consistem no advento da grande empresa monopolista, na mundialização da economia sob a regência do Estado e na utilização da ciência como instrumento para o desenvolvimento de técnicas e materiais industriais.

Não é possível ficar alheio ao grande número de novidades que a Revolução Tecnológica impunha isto porque as inovações não eram ocasionais, mas sim científicas. No entanto, de acordo com Fausto (1989) a Revolução tecnológica teve início no Brasil, após a Proclamação da República, no final do século XIX, segundo o autor, após 1870, sob pressão do que ocorria na Europa, significativas mudanças irrompem na sociedade brasileira. O crescimento populacional é considerável, a produção cafeeira se expande, são implantadas as primeiras ferrovias, incrementa-se a pressão das camadas médias urbanas por maior participação política. Deve-se destacar, ainda, que a Revolução dividiu os países em dois grupos distintos, o centro formado pelos países industrializados e a periferia composta pelos demais países de economia agrícola basicamente. O Brasil, pela sua condição agrário-exportadora, mantinha-se no segundo grupo.

Ao considerar o desenvolvimento histórico, tem-se atualmente um período marcado por transformações nos espaços, o que no campo, vem nos mostrar a inserção ou fortalecimento de certas características e uma maior articulação com o urbano.

Dentre estas novas características no campo, há o crescimento das ocupações rurais não-agrícolas e as múltiplas ocupações da população rural, o que na verdade não tem nada de novo; a mecanização e industrialização do processo produtivo agropecuário; o rural como local de

moradia e lazer; a instalação de infra-estrutura social como energia elétrica, abastecimento de água, educação, saúde.

É necessário entender que tais características não correspondem a todos os espaços no Brasil. Restringem-se apenas a algumas localidades, mas vêm resultando em muitos questionamentos e tomando uma abrangência muito grande, que diante da atual situação posta para o campo, pode-se pensar até que ponto irá assumir uma importância generalizada para a realidade do campo dentro da diversidade de espaços e processos históricos que temos em nosso território.

### **2.3. As Correntes Teóricas e o Desenvolvimento Regional**

Quando nos reportamos aos teóricos acerca do desenvolvimento temos um cenário diverso que nos mostra o quanto se estuda e como este desenvolvimento é pensado a nível local, regional e nacional. Uma vez que o desenvolvimento deve ser encarado como um processo complexo de mudanças e transformações de ordem econômica, política e, atualmente mais ainda humana e social. Visto sob este prisma o desenvolvimento se caracteriza por ser um crescimento onde os aspectos voltados ao aumento da melhoria da qualidade de vida, sejam transformados para satisfazer as mais diversificadas necessidades do ser humano, tais como: saúde, educação, habitação, transporte, alimentação, lazer, dentre outras, seja observado em todos os âmbitos da sociedade. (OLIVEIRA, 2002, p.40)

Autores como Ferreira Neto e Garcia (1987) nos orientam a uma interpretação de desenvolvimento como um processo em permanente construção e implementação onde as forças políticas estabelecidas e presentes na sociedade definirão e determinarão o rumo desse processo em curso, para os autores o desenvolvimento se apresenta como um:

[...] estágio econômico, social e político de uma comunidade, caracterizado por altos índices de rendimento dos fatores de produção trata-se de um método não resumível de mudança social, gerado por fatores internos de crescimento econômico. Porém, não devemos confundir simples crescimento com desenvolvimento. Este, em seu sentido, mais amplo, considera o crescimento econômico eticamente defensável a partir do momento em que esteja em plena sintonia o bem-estar social de ponderável parcela da população, com justa repartição das rendas e dos benefícios gerados pela participação de todos". (FERREIRA NETO e GARCIA, 1987, p. 12).

Essa visão de desenvolvimento nos coloca um impasse grande dentro do processo que os grupos sociais vivenciam na atualidade, uma vez que os benefícios advindos do crescimento não são divididos de forma igual. Esse crescimento acarreta e divide o “bolo em fatias” diferentes para cada um dos grupos. Percebemos o quanto grande parte dos grupos sociais (agricultores, coletores, pescadores, trabalhadores rurais, dentre outros) estão fora deste processo, uma vez que esses dividendos ficam na mão de quem detêm maior poder econômico, o que historicamente só vem sendo perpetuado pelo modo de produção capitalista.

Determinar dessa forma o desenvolvimento é antes um processo de participação social. Não se pode pensar em desenvolvimento sem antes pensar na participação da sociedade local no planejamento contínuo da ocupação do espaço, na distribuição dos frutos do processo de crescimento, no planejamento das políticas públicas voltados ao bem estar da sociedade,

bem como uma atuação pautada na busca da equidade social e da relação de forma sustentável entre homens e natureza.

Busca-se dessa forma equacionar o desenvolvimento para todos os cenários. No que tange à questão regional, nos deparamos com outra realidade, uma vez que a região não pode ser vista apenas como um fator geográfico, mas como um ator social, com um protagonista do processo de planejamento e do desenvolvimento. O Estado tem papel primordial nesse processo, pois quem estabelece as “regras do jogo” é ele, e a região é a parte negociadora, que deve se inserir nos mecanismos de decisão para fazer acordos, transações, dirimir conflitos, por fim, deve ter a capacidade de transformar o impulso externo de crescimento econômico em desenvolvimento com inclusão social (BOISIER, 1989).

Seguindo esta linha de raciocínio, o conceito de desenvolvimento regional para Boisier (1989, p. 616) se caracteriza por ser um processo onde as forças econômicas definem sua área de atuação, onde e quando os recursos devem ser alocados. Para ele o processo de desenvolvimento regional tem uma natureza endógena, parte de mecanismos internos que fazem parte das regiões, parte das forças que atuam dentro das demandas que existem e possam ser demandadas pelos grupos sociais em forma de políticas públicas ou de necessidades advindas com o crescimento econômico e populacional.

Desta forma, o processo de desenvolvimento de uma região, que estabelece o seu crescimento econômico, social e humano dependerá fundamentalmente de sua capacidade de organização social que se associa a tomada de decisões e da participação social no processo de planejamento



de políticas e na alocação dos recursos para os diversos setores da sociedade. Assim, de acordo com Boisier (1989) o desenvolvimento de uma determinada região pressupõe um crescente processo de autonomia decisória; um protagonismo social, uma crescente capacidade regional de captação e de planejamento de investimentos do excedente econômico; sem esquecer o processo de inclusão social; além de uma crescente consciência e ação ambientalista; de uma sincronia entre os diversos setores da sociedade civil organizada e das questões territoriais que vêm tomando grande importância dentro das políticas governamentais atuais e, finalmente uma crescente percepção coletiva de pertencer àquela região.

## **2.4. Desenvolvimento Sustentável**

A concepção de desenvolvimento sustentável tem sido um tema presente que sinaliza a preocupação com os problemas ambientais atuais e crescentes, porém esta preocupação não é recente, anteriormente tratado de ecodesenvolvimento.

A preocupação com a preservação do meio ambiente conjugada a melhoria das condições socioeconômicas da população fez surgir o conceito de ecodesenvolvimento, depois substituído pelo de desenvolvimento sustentável. (MONTIBELLER-FILHO, 2008 p. 48)

A partir do Relatório de Brundtland, de 1987 (Comissão Mundial Sobre o Meio Ambiente), após sua publicação intitulada de Nosso Futuro Comum, foi dado um maior impulso as questões ambientais e que também possibilitou a formulação de um dos conceitos para o desenvolvimento

sustentável mais utilizado pelo meio acadêmico, sendo: *“desenvolvimento que responde as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades”* (Relatório de Brundtland, p. 9 apud MONTIBELLER-FILHO, 2008).

Porém causando contradições em relação aos seus conceitos “[...] o desenvolvimento sustentável foi reconhecido como um novo paradigma universal, embora o conceito não seja claro” (BECKER, 1994, p.130).

O desenvolvimento sustentável deverá atingir as dimensões: ecológica, através da conservação dos ecossistemas e do manejo racional do meio ambiente e dos recursos naturais; econômica, promovendo atividades produtivas rentáveis, que promovam a qualidade de vida e tenham permanência no tempo; e social, assegurando que os processos de desenvolvimento sejam compatíveis com os valores culturais e com as expectativas da sociedade (JARA, 2001).

Com base nas recomendações do Relatório que em seu contexto norteiam para as questões de sustentabilidade argumentados em três aspectos principais que é o econômico, o ambiental e o social é que no ano de 1992 foi realizada a ECO-92 (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento).

Da Conferência nasceram orientações de grande relevância para tratar com a crise ambiental, fazendo a integrar nas agendas da sociedade e do Governo. Como resultado de suas discussões, surgiu a Declaração do Rio/92 (ou Carta da Terra) e a Agenda 21. A Declaração do Rio propõe princípios como: [...] estabelecer acordos internacionais que respeitem os

interesses de todos e protejam a integridade do sistema global de ecologia e desenvolvimento’

A Agenda 21 tem ações no sentido de enfrentar problemas atuais e preparar a entrada do próximo milênio, dentre os quais a agricultura sustentável, desertificação, biodiversidade, florestas, biotecnologia, clima, água e assuntos diretamente ligados ao empreendimento rural.

## **2.5. Desenvolvimento Rural**

Outro cenário de grande importância com relação ao desenvolvimento é o campo. Espaço de lutas e conquistas para vários grupos sociais. Espaço onde o desenvolvimento necessita ser visto e analisado de outra forma. Uma vez que o desenvolvimento nesses espaços deve permitir a formulação de uma proposta centrada nas pessoas, que leva em consideração os pontos de interação entre os sistemas socio-culturais e os sistemas ambientais e que contempla a integração produtiva e o aproveitamento competitivo destes recursos como meios que possibilitam a cooperação e co-responsabilidade ampla de diversos atores sociais. (OLIVEIRA & STEDILE, 2005).

Este cenário, analisado por Jara (2001), que observa a ruralidade de hoje muito diferente, o qual já não pode ser identificado exclusivamente como setor agropecuário.

A sociedade rural cresce em importância como modo de vida; com isso aumenta a articulação com o urbano, mesmo mantendo culturas específicas identidades e relacionamentos particulares. Isso exige formular políticas públicas dentro de uma dinâmica multissetorial e

multidimensional, rural-urbano, global-local, enriquecendo os vínculos da sociedade civil com o Estado. (JARA, 2001, p. 23)

Desta maneira, um projeto de desenvolvimento rural deve abranger questões de educação, saúde, produção agrícola, lazer, cultura, meio ambiente, bem como a construção de estruturas econômicas, políticas e sociais compatíveis com um nível de desenvolvimento razoável, preservando assim a dignidade humana. Como observamos na obra de Abramovay:

[...] o desenvolvimento rural não acontece espontaneamente como resultado da dinâmica das forças de mercado. Mas na elaboração de políticas capazes de promovê-lo é necessário, que se mudem as expectativas que as elites brasileiras têm a respeito do meio rural. As funções positivas que o meio rural pode desempenhar para a sociedade brasileira fundamenta-se no caso de descentralização do crescimento econômico e no fortalecimento das pequenas, e médias cidades brasileiras, onde se concentra a maior parte da agricultura familiar”. (ABRAMOVAY, 1994, 48)

Desta maneira, é importante frisar que o desenvolvimento rural não pode ser alcançado apenas pela simples expansão das atividades desenvolvidas no campo. Mas sim por uma decisiva mudança em suas formas de organização e também a busca da construção de novos produtos e a inserção em novos mercados, sendo que esta construção deve ser organizada pelos produtores e apoiada de maneira decisiva por movimentos, entidades sociais e pelo poder público.

Quando falamos numa mudança como essa pode parece inicialmente ser um processo simples, mas temos claro que essa mudança não acontece de uma hora pra outra. Uma vez que a história recente do nosso país nos mostra que o desenvolvimento exige uma postura diferenciada frente ao processo predador de crescimento imposto às comunidades e grupos

sociais, buscando dinamizar e tornar o mais claro possível que parte cabe a cada um dentro deste desenvolvimento.

Essas mudanças foram ocasionadas pela modernidade, como já mencionado anteriormente, uma vez que produziram grandes desigualdades, mudanças nas relações de trabalho, na forma de organização social, fazendo surgir assim, um dos paradigmas da sociedade atual que é exercer a cidadania e fundamenta-se como elemento para a construção da democracia. Com o conhecimento ou não deste fato a “Associação dos Produtores Alternativos de Ouro Preto do Oeste - APA” foi criada pautando seus objetivos em alternativas que pudessem propiciar o desenvolvimento local. A adesão por parte dos associados na sua maioria a uma proposta de agricultura alternativa, diversificada, considerada então mais favorável para a manutenção de seus sócios, não os afastou em definitivo de suas trajetórias produtivas. Mesmo desta forma, a proposta de desenvolvimento cria a expectativa e semeia a esperança de melhoria no seu modo de vida.

No entanto, a participação na APA sendo vista como um grande caminho que solucionariam os problemas enfrentados, ao mesmo tempo, torna-se polêmico, pois passam a expressar uma dinâmica inovadora, cuja principal ferramenta para atingir os objetivos baseou-se na conscientização de seus sócios que passaram a trabalhar de forma diferenciada, priorizando a difusão dos conhecimentos e das técnicas de produção, com objetivos comuns do desenvolvimento direcionados para o social, econômico e ambiental.

Desta forma, o modo de produzir com outra proposta passa a ser visto como um agente transformador que modifica, onde entendemos ser valido nos reportarmos a Moraes (2002), quando afirma que para uma comunidade se desenvolver ela deve ter “consciência organizativa, porque é ela quem conduz o grupo à transformação social e econômica. Se não estiver devidamente organizado, não haverá transformação”. Partindo da mudança do comportamento organizacional, aí sim, é possível se promover mudanças sociais, tal qual a APA idealizou, de forma a contribuir com o processo de desenvolvimento.

Moraes (2002) nos orienta para a necessidade de estarmos atentos e compreendermos as necessidades apresentadas, de desenvolvermos habilidades para responder às exigências do novo tempo, onde cada vez mais exigirão conhecimentos para as atividades.

Nesse sentido percebemos que para responder a essas novas exigências é necessário organizar e capacitar os grupos sociais, o que nas palavras de Moraes:

[...] a capacitação, através de atividades coletivas ou da cooperação, permite transformar intencionalmente a consciência do indivíduo e minimizar o individualismo, o espontaneísmo, o voluntarismo, a auto-suficiência (e outros vícios gerados das formas artesanais de trabalho, comprometedoras da eficiência e da otimização). (Gravação realizada no dia 04 de março de 2008 com o prof. Clodomir Santos de Moraes)

Como forma de amenizar este cenário, o Prof. Clodomir Santos de Moraes desenvolveu um método, a Metodologia da Capacitação Massiva. Segundo o próprio autor, “[...] não passa de um ensaio, ensaio prático, porém real, que se busca a introduzir, em um determinado grupo social, a

consciência organizativa que necessita para atuar, em forma de empresa, e neste caso de seu estudo a ação organizada”<sup>1</sup>.

Morais (2002) observa que se faz necessário construir junto aos trabalhadores condições de autonomia, unidade e criticidade para enfrentar o mercado competitivo e discriminatório, essa preparação não pode ser de forma individual, haja vista que não atendem as características das pessoas vulneráveis, tanto economicamente como socialmente. Quando tratamos de agricultores, que já estão associados, como é o caso de nosso estudo ocorre na maioria dos casos, a falta de sustentabilidade organizativa da instituição, o que é até compreendido, quando relacionamos tal fato como resultante da cultura dos agricultores.

Percorrendo os caminhos de Moraes (2002), essa qualificação, essa organização nas bases produtivas desses agricultores tem que ser feito por meio da organização em grupos, que desta forma possibilita a criação de um espírito associativo.

A Metodologia da Capacitação Massiva é fundamentada na psicologia social, que possibilita o resgate e a afirmação dos valores éticos e morais, contribuindo assim, de forma significativa para a construção de uma sociedade mais justa.

Essa nova proposta pedagógica, orientada para a capacitação (mais ação e menos discurso)<sup>2</sup>, proporciona a elevação dos níveis de consciência (ingênua e crítica) da coletividade ao nível de consciência organizativa, como nos orienta Correia

---

<sup>1</sup> Citações anotadas durante conversas com o Prof. Dr. Clodomir Santos de Moraes.

<sup>2</sup> Jacinta Castelo Branco Correia

Promovendo um salto qualitativo da consciência ingênua e/ou crítica para a consciência organizativa na busca do que e do como fazer para avançar na construção de um modelo de sociedade que, além de economicamente viável e ecologicamente equilibrada, seja socialmente justa. (CORREIA, 2005, p.49)

Portanto, tomando as direções de Moraes (2002), o planejamento, à organização dos espaços e os conseqüentes parâmetros sustentáveis passam a ser executados de acordo com a proposta da associação, com as características ambientais, sociais e econômicas, se faz necessário observar que não se trata apenas de diversificar a produção para ampliar o rendimento e melhorar o consumo, trata-se, pois, principalmente da sobrevivência de uma classe social.



### **3. AMAZÔNIA DO EXTRATIVISMO A FRONTEIRA AGRÍCOLA**

Porém, quando se deseja que as massas de produtores se ocupem do destino dos meios agroindustriais com vistas a melhor qualidade de vida e, para isso, as capacita de maneira sólida e massiva, o estúpido se mostra e o oportunista se exclui. (MORAIS, 2002, p. 35)

#### **3.1. Rompimento “Estratégico” do Extrativismo na Amazônia**

O avanço da fronteira agrícola sobre a Amazônia deu-se por ciclos induzidos de forma acelerada pelo interesse econômico que provocaram mudanças significativas na produção do espaço da Região Amazônica e desestruturou o extrativismo em diversas regiões, transformou áreas extrativistas em pasto para gado e extrativistas em peões ou pequenos agricultores.

O extrativismo látex na Amazônia teve dois períodos áureos. O primeiro decorreu entre 1890 a 1912, neste período foi vivenciado o ápice da exportação do extrativismo vegetal aquecido principalmente pela procura internacional da borracha que foi propiciado pela mão de obra do Nordeste em consequência da seca, que de acordo com Nascimento Silva (2000). “O índice de migração foi tão grande nesse período que preocupou os grandes proprietários nordestinos de terra, pois deixava desfalcado de mão de obra o

meio rural do Nordeste” (NASCIMENTO SILVA, 2000, p.49). Estava se estabelecendo o chamado “Primeiro Ciclo da Borracha”.

As estratégias para o escoamento deste ciclo vão além das fronteiras brasileiras, estabelecendo conflitos internacionais, resolvido através de acordo diplomático – Tratado de Petrópolis – resultando na incorporação do Estado do Acre ao Brasil e na construção da Ferrovia Madeira Mamoré. (SANTOS, 2007; AMARAL, 2004). Deste feito, nascem os pólos de Guajará-Mirim e Porto Velho.

Neste contexto, o Governo iniciou a construção da linha telegráfica para ligar Mato grosso ao Amazonas, como tentativa de reconhecimento e integração do interior da região (VALVERDE, 1979). Nesta fase, surgem os núcleos de Vilhena, Pimenta Bueno e Ariquemes.

Durante a construção da ferrovia citada acima, as picadas abertas para a implantação da linha telegráfica, serviram de norteadores para a ocupação, que de forma linear, seguiam os caminhos deixados e principalmente o margeamento dos cursos dos rios, chamada ocupação beiradeira. (AMARAL, 2004).

Com o declínio do primeiro ciclo da borracha (1914), ocasionado pela disseminação da semente de seringueiras plantadas racionalmente em outro continente, o extrativismo passa por uma profunda estagnação, sem condições de competir com os baixos preços, passando a oscilar de acordo com os interesses de políticas governamentais.

O segundo ciclo do extrativismo vegetal acontece por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Seu aquecimento é dado pela urgência em

abastecer a indústria bélica e poder competir com o preço, antes comandado pelas colônias inglesas da Ásia, que dominavam o mercado com menores preços e agora, estavam sob o poder do eixo. (AMARAL, 2004)

A urgência transforma em uma batalha para recrutar extratores de forma massiva com intuito de aumentar a produção em pouco tempo, sendo o alvo novamente os nordestinos, que também buscavam refugio da seca avassaladora de 1942. Como estratégia para atrair mão de obra, o Governo criou a tão conhecida “Batalha da Borracha”. Os que atendiam aos apelos do Governo para a “batalha” se tornaram os “soldados da borracha”

O objetivo era atrair o maior número possível de extratores para ingressar na “Batalha da Borracha”, invocando sentimentos patrióticos, com uma intensa propaganda massificada, convocando a população a se engajar no esforço de guerra em favor dos aliados. (NASCIMENTO SILVA, 2000, p. 59)

O período pós-guerra proporcionou a queda do preço da borracha, que causou logo o impacto na economia local. No norte de Rondônia, nas áreas dos seringais, a descoberta de cassiterita deu início à exploração mineral, que resultou em um fluxo migratório derivados de diversas partes do Brasil.

A cultura extrativista estava sofrendo declínio com a queda do preço no mercado internacional, aliado ao impacto da mineração. O extrativismo dos seringais, não mais representava formas de produção e recursos, não mais motivava a mobilização populacional, era o limite. Amaral (2004) resumiu a ocupação do espaço amazônico pela sociedade ocidental em três períodos e formas espaciais:

Primeiramente o que podemos denominar de uma ocupação pontual, na fase do Brasil colônia; em seguida, com início no século passado e primeira metade deste século, temos uma ocupação de caráter linear e beiradeira, norteadas pelo extrativismo do látex das seringueiras nativas; e recentemente, pós década de sessenta, deu-se uma ocupação interfluvial dando início ao ciclo da colonização agrícola, dos projetos agropecuários, minerais, minério-metalúrgico e de hidroelétricas. (AMARAL, 2004, p. 42).

Uma nova face para a região é esboçada, a era dos grandes projetos, o Governo militar necessitava solidificar sua soberania, criou uma malha rodoviária acompanhada de novos projetos para ocupar a Amazônia. Inspirados por uma doutrina geopolítica que tratava a região como um imenso “vazio demográfico” que precisava ser ocupada e ao mesmo tempo a região era vista como uma fronteira de riquezas naturais, a ser incorporada ao crescimento da economia nacional (BECKER, 1998).

As políticas voltadas para a Amazônia foram norteadas sob uma ideologia de desenvolvimento ligado ao pressuposto de que os recursos naturais seriam inesgotáveis.

Os homens trazidos pelo dever de patriotismo ou pela necessidade para a Amazônia, não estavam inclusos nos projetos idealizadores do Governo, foram abandonados a sua própria sorte na floresta. Sem alternativas, muitos partiram para as periferias das cidades, os que ficaram, foram obrigados a migrar para outras atividades, como agricultores, criadores de pequenos animais e principalmente foram “utilizados” como mão-de-obra para madeireiros e fazendeiros. (SANTOS, 2007)

No período chamado Milagre Econômico Brasileiro, o Governo implementa seu Projeto de Integração Nacional (PIN), o qual passa a ser

uma oportunidade de oferecer “terras sem homens para homens sem terras”.

### **3.2. Rondônia no Processo de Colonização**

A partir de 1970, como substitutivos da reforma agrária, o Governo Federal lançou vários programas especiais de desenvolvimento regional, que viriam redefinir as relações da região na dinâmica econômica e social do País. Entre eles, o Programa de Integração Nacional – PIN; o Programa de Redistribuição de Terras e de Estimulo a Agroindústria do Norte e Nordeste – PROTERRA, dentre outros. Sendo o PIN e o PROTERRA os programas que mereceram maior atenção e os que receberam maiores recursos. Com o propósito de ocupar uma parte da Amazônia, ao longo da rodovia Transamazônica, o PIN era baseado em projetos de colonização em torno de agrovilas e buscava integrar “os homens sem terra do nordeste com as terras sem homens da Amazônia.” (INCRA)

Nesse contexto, o governo federal implantou o primeiro Projeto Integrado de Colonização no Território Federal de Rondônia - O PIC Ouro Preto, em 19 de junho de 1970. Os PIC's eram destinados aos agricultores de baixa renda e cabia ao INCRA implantar a organização territorial, a infraestrutura, a administração, realizar os assentamentos e dar o título aos produtores, bem como, promover a assistência técnica, o ensino, a saúde e previdência social, a habitação rural, a empresa cooperativa, o crédito e a comercialização.

Esse projeto constituiu-se no principal responsável pelo surgimento de Ouro Preto como núcleo habitacional. Com a implantação do projeto, e a divulgação oficial sobre distribuição de lotes, houve uma dinâmica migratória sem precedentes, que ocasionou um dos maiores fluxos migratórios dirigidos, oriundos principalmente das regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste, contrariando as expectativas do Governo Federal, que esperava a migração de nordestinos. Os migrantes em busca das terras férteis mudam o espaço na região central de Rondônia, como nos afirma Santos (2007):

A dinâmica migratória atraída para Rondônia é responsável pela intensa modificação de seu contexto sócio-ecológico pode ser entendida a partir da estratégia oficial de ocupação recente da Amazônia Brasileira. (SANTOS, 2007, p. 75)

Os Projetos Integrados de Colonização (PIC), nascidos do Programa de Integração Nacional (PIN), ocuparam uma faixa de 100 km de cada lado da Br 364 repartida em lotes de aproximadamente 100 ha. distribuídos pelo INCRA aos pioneiros, como estratégia para atenuar o processo intenso de ocupação, resultante da migração massiva principalmente de população rural<sup>3</sup>, e amenizar conflitos.

Desta forma, a responsabilidade da organização territorial, da implantação, da infra-estrutura física e da administração do Projeto ficou a critério do INCRA que também, cuidou do assentamento e a titulação dos beneficiários. Como nos orienta Becker (1998) quando nos diz que

Os projetos recentes de colonização oficial se iniciaram com o PIN (Programa de Integração Nacional), prevendo-se a sua localização numa faixa de 100 km de cada lado de cada rodovia federal. Foram concebidos num esquema de urbanismo rural a ser implantado nas áreas de “vazio demográfico”: lotes de 100 ha seriam distribuídos aos

---

<sup>3</sup> Ver Amaral, 2007, p. 72.

colonos que teriam numa rede hierarquizada de núcleos urbanos – rurópolis, agrópolis e agrovilas – a base para sua organização. Vários tipos de projetos, contudo, foram utilizados, cada um com um grau diferente de responsabilidade do INCRA, desde de o PIC (Projeto Integrado de Colonização), em que o INCRA se encarregava de organizar todo o assentamento, inclusive da assistência financeira e técnica aos colonos, até o Projeto de Assentamento (PA) ou o Projeto de Assentamento Rápido (PAR), em que sua atuação se reduz até a simples demarcação e titulação das parcelas ocupadas espontaneamente.(BECKER, 1998, p. 32)

Inicialmente, o INCRA previa um atendimento a duas mil famílias, porém em 1973 já constava com mais de três mil famílias. Foi calculado um total vinte e cinco mil pessoas que se dirigiram para Ouro Preto do Oeste, em pouco mais de três anos.

O PIC, Ouro Preto, na região central do Estado Rondônia inaugura o Ciclo da Agricultura no Território e se constitui na primeira experiência de colonização oficial realizada na Amazônia.

Anterior aos PIC's em decorrência do fim da representação econômica da borracha e com o objetivo de evitar o êxodo rural foram criadas algumas colônias agrícolas na região como: Colônia do Iata, em Guajará Mirim em 1948; Colônia do Candeias, também neste mesmo ano; Nipo-Brasileira em 1954; Treze de Setembro, também 1954; Paulo Leal em 1959 e a Vila de Calama, situada ao longo do Rio Madeira e em que surgiu a do Beiradão, de forma “espontânea”, isto é, os seringueiros se aglomeraram à beira do Rio Madeira devido a pesca e principalmente para ter acesso ao meio de transporte e de comunicação, uma vez, desativados os seringais, ficaram isolados na mata. Próximo à cidade de Porto Velho, na mesma época foram criadas as colônias Areia Branca, hoje é área urbana,

Periquitos, situada entre o lata a Abunã, na distância de 150 km da capital, a Colônia Japonesa Treze de Maio. (MOSER 2006)

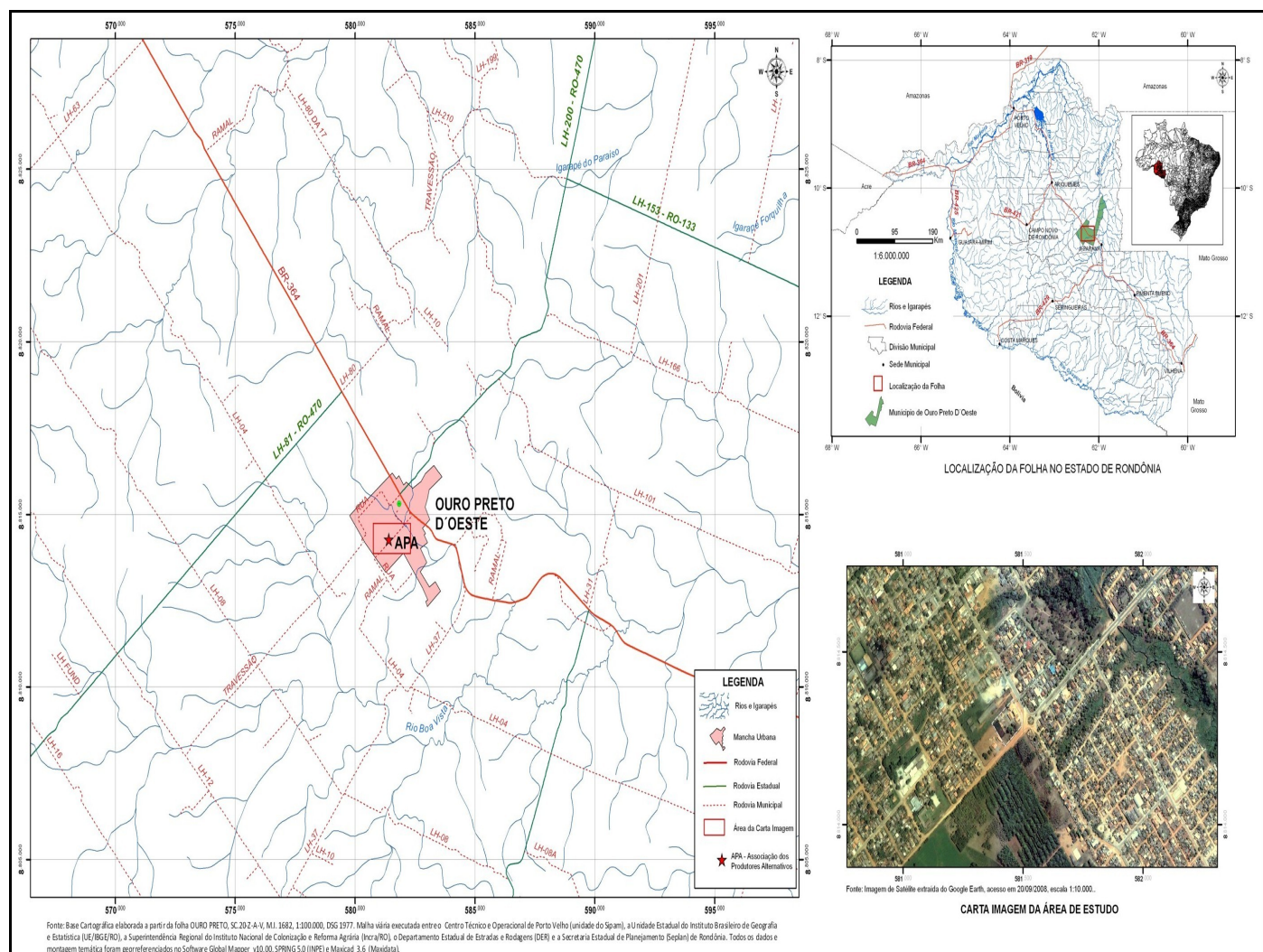
### **3.3. O PIC Ouro Preto, Projeto Agrícola e Urbanização**

O Núcleo urbano de Ouro Preto do Oeste, formado pelo projeto de colonização acima mencionado, cresceu de forma acelerada que em 1978 foi transformado em distrito do município de Ji-Paraná, através do decreto Nº. 81.772, de 30 de janeiro de 1978. Apenas três anos depois o Município de Ouro Preto do Oeste foi criado pela Lei nº. 6.921, de 16 de junho de 1981, assinado pelo então Presidente da Republica João Batista de Figueiredo.

O Município de Ouro Preto do Oeste está localizado no Centro-Oeste do Estado de Rondônia, com latitude - 10°42'58"; longitude – 62°14'52" e altitude média de 240 metros. Possui uma área de 3.238,10 km<sup>2</sup> que corresponde a 0,83% do espaço total do território do Estado e cuja a população é de 36.040 habitantes, sendo 12.454 habitantes em área rural e 23.586 habitantes em área urbana, apresentando uma taxa de crescimento anual de 0,13% e densidade demográfica de 20,7 habitantes por km<sup>2</sup>, conforme dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE – Censo 2007, conforme podemos observar no mapa de localização do município:



**FIGURA 01 – Mapa de Localização do Município de Ouro Preto do Oeste – RO:**



O município dispõe de três áreas reservadas para implantação de parques e reservas ecológicas, destinadas às atividades de caráter científico, à preservação ecológica, educacionais e recreativas culturais. São elas:

**Reserva de Pesquisa Ecológica** – criada através da Lei Municipal nº. 19 de dezembro de 1983 e doada ao Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia – INPA, unidade subordinada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, que de acordo com o art. 2º da Lei de Criação “na qual fique assegurada a proteção integral da flora, fauna e as belezas naturais existentes no local, buscando conciliar esses interesses com a sua utilização exclusiva para fins científicos, sendo proibida portanto, qualquer forma de exportação de seus recursos naturais, sob pena de reversão da área à municipalização”. A reserva está localizada a margem direita da BR – 364, sentido Cuiabá.

**Parque Municipal Chico Mendes**, criado através da Lei Municipal nº. 20 de dezembro de 1986 compreende uma área que compõe a serra de Ouro preto, localizada no perímetro urbano do município.

**Bosque Municipal**, criado através da Lei Municipal nº. 49 de dezembro de 1984, com a finalidade de manter uma área de preservação ecológica para implantação de área de lazer e recreação, resguardo da fauna e da flora nativa, defesa do meio ambiente e da ecologia e defesa dos recursos naturais.

A Organização político-administrativa em obediência a Constituição Estadual, o município de Ouro Preto do Oeste rege-se por Lei Orgânica

própria, votada e aprovada pela câmara Municipal, sendo administrado pelos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

De acordo com o relatório do Sebrae, para viabilizar as possibilidades econômicas no Município, foram detectados os seguintes aspectos: A rede de saúde do município necessita de urgência em investimentos que possam aumentar sua capacidade de atendimento à demanda requerida. O saneamento básico, assim como ocorre na maioria dos municípios de Rondônia é precário, não acompanha o crescimento da demanda, o esgotamento sanitário inexistente no município, o escoamento é efetuado por fossas sépticas ou, como a maioria das moradias, nos igarapés que cortam a área urbana. O abastecimento de água é a cargo da Companhia de Águas e Esgotos de Rondônia, que possui 84. 258m de rede de distribuição instalada. A coleta de lixo e entulho dos domicílios e a limpeza das ruas são efetuadas pela Prefeitura Municipal, o lixo é depositado em aterro sanitário que não recebe nenhum tipo de tratamento. O município não oferece grandes atrativos para o turismo, pois as reservas relatadas anteriormente, não estão estruturadas para receber turistas.

#### **4. A FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES ALTERNATIVOS - APA**

“As coisas, a partir de um princípio, não são feitas pelo dinheiro, nem pela tecnologia, tão pouco pelos papéis dos projetos. As coisas são feitas e bem feitas por homens e mulheres quando estão adequadamente organizados”. (MORAIS, 2002 p. 37)

As famílias de colonos ocuparam as terras com o objetivo de exploração, que a princípio pudessem garantir o sustento de suas famílias, pois chegavam apenas com seus sonhos. Nos primeiros anos, a preocupação era adquirir o necessário básico no sentido de sobrevivência e a adaptação aos costumes da região. Ao mesmo tempo, tiveram que aprender nova forma de sistema de produção, inserir-se em novos padrões de comportamento, saber lidar com as adversidades climáticas, olhar e aprender a própria floresta, desconhecida dos novos migrantes.

Os problemas se intensificaram com a falta de assistência técnica, médica, educacional e principalmente com a questão da obtenção dos títulos e de créditos. As terras que seriam distribuídas, não eram suficientes, para a demanda estabelecida, o que permitiu aos colonos que eles próprios fossem se “arrumando” enquanto aguardavam um lote:

O INCRA tornou-se impotente para distribuir e regularizar a situação das famílias dos assentados, pois a quantidade de migrantes ultrapassou o número de “parcelas” destinadas à

distribuição. [...] Como consequência, os próprios colonos passaram a ocupar as terras que eles mesmos iam desmatando ao longo das estradas vicinais. (AMARAL, 2004; p. 58)

Como a impotência do INCRA analisada por Amaral (2004), o processo de colonização estabelecido criou um desordenamento, gerando problemas sociais, econômicos e ambientais passando a assumir uma dimensão conflituosa que o fluxo populacional exerceu.

A incapacidade de atender ao fluxo incessante de famílias que solicitaram terras resultou na intensificação da ocupação de locais não- desejados – “invasões” – e em uma explosão de violentos conflitos no Estado de Rondônia, onde os pequenos produtores participam e influem no processo de produção do novo espaço. (BECKER, 1998; p. 37).

Para tentar racionalizar o resultado da colonização agrícola, que deixava rastros indesejáveis, era necessário direcionar os segmentos econômicos, social e ambiental, para tanto o governo cria o Programa de Desenvolvimento Integrado para o Noroeste do Brasil – POLONOROESTE, instituído pelo decreto 86029 em maio de 1981. O Programa nasce pautado sob estratégias para regularização fundiária, proteção ambiental e extrativista, apoio as comunidades indígenas, além de destinar recursos para a pavimentação da malha viária Amaral (2007, 2004); Becker (1998); Santos (2007).

O Programa não obteve o êxito desejado, apesar do vultoso investimento financeiro desprendido para o feito. Foi necessário um novo direcionador para o ordenamento da ocupação, a nova medida do Governo para intervir sobre os efeitos dos impactos causados pela destruição da natureza foi o Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia – PLANAFLORO,

que incorporou concepções de zoneamento sócio-econômico e ecológico (AMARAL, 2007).

#### **4.1. A Construção Histórica da APA**

A APA foi sendo construída em meio aos desafios dos PIC's que eram destinados aos agricultores de baixa renda e cabia ao INCRA implantar a organização territorial, a infra-estrutura, a administração, realizar os assentamentos e dar o título aos produtores, bem como, promover a assistência técnica, o ensino, a saúde e previdência social, a habitação rural, a empresa cooperativa, o crédito e a comercialização, no entanto apresenta sérios limites no atendimento as famílias dos colonos.

O INCRA implanta no ano de 1981 a Cooperativa Integral de Reforma Agrária (CIRA) e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ouro Preto. A cooperativa tinha como objetivo fornecer a assistência técnica através de treinamentos e cursos enquanto que o sindicato era para viabilizar os incentivos fiscais do Governo para os produtores, sendo associados, se beneficiariam de reduções nos empréstimos. De acordo com os relatórios do INCRA<sup>4</sup>, só no ano de 1982, havia total de 60% dos produtores associados em todos os PICs.

No bojo dos conflitos que emergiam, eram duas as formas de organização privilegiadas: os sindicatos e as associações civis, tais como associações, ligas, uniões, irmandades. Os sindicatos eram a organização dos trabalhadores que, de alguma forma, podiam ser

---

<sup>4</sup> O número de associados ao Sindicato dos Trabalhadores de Ouro preto, chegou em 14.333 produtores. (INCRA; 1988)

considerados como assalariados, como era o caso de colonos, moradores, camaradas. (...) As associações civis, por sua vez, destinavam-se aos que de alguma forma tinham acesso à terra (posseiros, arrendatários, meeiros etc.) e cuja luta se voltava principalmente contra os despejos, aumento de renda etc, (MEDEIROS, 1989, p.25).

Diante deste contexto, a Associação dos Produtores Alternativos – APA, foi se construindo como um reativo, em busca de alternativas para enfrentar o atual cenário. Orientados em práticas que se baseiam na preservação e melhoria das condições de produção dos agricultores associados, que também configuram outras dinâmicas à vida sócio-cultural dos associados. Associar-se não significava apenas esforço para reduzir custos e produzir em escala, era assumir um comportamento, uma postura para com os demais atores, que deixam de ser atores apenas e passam a ser partícipes da vida sócio-econômica da coletividade.

As políticas visando o desenvolvimento sustentável da Amazônia estão provocando o surgimento de múltiplos pequenos empreendimentos, ligados às características dos recursos naturais e dos traços culturais locais. Essas políticas apoiam-se em linhas de crédito específicas, descentralizadas, e redes de apoio internacional que beneficiam associações locais e pequenos projetos, no intuito de difundir uma nova dinâmica econômica no tecido social, beneficiar as populações regionais e promover a melhoria de sua qualidade de vida. (BECKER, 2002, 01)

A criação da Associação dos Produtores Alternativos – APA nasceu de um projeto de horticultura e apicultura, considerado como marco para seu surgimento, desenvolvido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMATER e o incentivo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ouro Preto do Oeste em 1990, que contou também com o apoio técnico do Instituto para o Homem, Agricultura e Ecologia IPHAE, já extinta. A idéia do grupo, no início, era voltada para a segurança alimentar das famílias que iniciaram a associação e criar uma alternativa de produção que

pudesse responder às questões econômico-produtivas, sociais e ambientais de forma sustentada.

Nas palavras de Moser na pesquisa realizada junto a esse mesmo público, ela nos diz que:

Verificamos no decorrer da nossa pesquisa que alguns produtores do PIC Ouro Preto ao se encontrarem em situação de crise, os seus estabelecimentos com o solo esgotado, com pouca produção e com as necessidades básicas não satisfeitas, partiram para formação de bases para uma mudança, formando assim a APA. (MOSER, 2006)

Sendo assim, no primeiro semestre do ano de 1991, 29 famílias já estavam envolvidas com o grupo, gerando excedentes de mel para comercialização e principalmente adotando formas alternativas de produção.

[...] a Apa começou em 92 com 29 famílias, apenas. Ai dessas 29 conforme o trabalho que a gente foi fazendo é que o pessoal foi aderindo né, nossa proposta. E foi também se chegando e vindo se associar a Apa. A APA agora ta somando esses 250 sócios (Associada 1)

Na data de 28 de outubro de 1992 foi realizada a assembléia de fundação da Associação dos Produtores Alternativos – APA, consistia em 29 assinaturas de produtores da região de Ouro Pretos do Oeste, cujo endereço sede ficou estabelecido no próprio endereço do Sindicato dos Trabalhadores Rurais - STR. Segundo as diretrizes estabelecidas na ata de fundação, as principais eram:

- Apresentar uma alternativa à produção tradicional;
- Estabelecer uma política local de segurança alimentar familiar;
- Desenvolver técnicas diferenciadas de produção;



- Iniciar na prática e consolidar uma proposta de desenvolvimento sustentável para a região;
- Ser a vertente econômica da luta dos trabalhadores, com vista à melhoria da qualidade de vida das famílias.

A associação surgiu pautada nos seguinte objetivo: Apoiar tecnicamente produtores familiares na implantação e condução de sistemas agroflorestais de produção; Gerar, adaptar e difundir tecnologias sobre manejo de sistemas agroflorestais; Criar infra-estrutura mínima para produção, beneficiamento e comercialização de produtos alternativos; Capacitar Associações de outros municípios com interesse de produção diversificada; Capacitar agentes multiplicadores de cultura ecológica; Divulgar as experiências para a sociedade e lutar pela preservação das florestas e matas ciliares.

A busca pela sustentabilidade entre o econômico, o ecológico e o social para a região, sendo um dos principais objetivos da APA, através da implantação dos sistemas agroflorestais como alternativa para a política de uso da terra, foi analisado da seguinte forma, por Álvaro-Afonso.

Há, contudo, um antídoto, um remédio para atenuar ou mesmo estancar os males progressivos da agricultura migratória e da pecuária de corte. Esse remédio é o sistema agroflorestal, fartamente discutido, documentado, e, com resultados experimentais obtidos em centros de pesquisa e estações experimentais do mundo tropical, mas também de experiências, de ensaios, a nível de agricultores, que levam àquilo que se costuma chamar de “opinião correta”. (1998, p. 35)

Encontramos muitas definições sobre sistemas agroflorestais – SAF's, podemos entender que os aspectos estruturais, funcionais,

socioeconômicos e ecológicos, que são sempre as bases conceituais, conforme abaixo:

Os sistemas agroflorestais – SAF's, são formas de uso e manejo da terra, nas quais árvores ou arbustos são utilizados em associação com cultivos agrícolas e/ou com animais, numa mesma área, de maneira simultânea ou numa seqüência temporal (...) devem incluir, pelo menos, uma espécie “florestal” arbórea ou arbusiva. Essa espécie pode ser combinada com uma ou mais espécies agrícolas e/ou animais. (DUBOIS i, 1996, p. 3)

Agrofloresta é um termo coletivo para sistemas de uso da terra em que as plantas lenhosas são combinadas de maneira deliberada sobre a mesma unidade de manejo da terra com cultivos herbáceos e, ou animais, onde se tem alguma forma de arranjo espacial ou seqüência temporal. Para que o uso da terra esteja no conceito agroflorestal, devem existir interações ecológicas e econômicas entre as plantas lenhosas e outros componentes do sistema, (LUNDGREN IN COSTA E LOCATELLI, 1994, p. 346).

As unidades de sistemas agroflorestais - SAF's, propostas pela APA eram compostas de espécies frutíferas, palmáceas e espécies florestais madeiráveis nativas, com potencial econômico de médio e longo prazo. A iniciativa formou a principio cerca de 120 unidades demonstrativas de SAF's em propriedades de agricultores sindicalizados.

A maioria dos sistemas agroflorestais foi implantada em áreas que anteriormente eram capoeiras, agricultura de corte, queima e pastos, devido ao passado dos associados que dependiam desta agricultura.

As propriedades que receberam o sistema agroflorestais, encontram-se estruturadas com plantio de várias espécies frutíferas e florestais, algumas intercaladas com criação de abelhas, de peixe. Dentre as espécies plantadas, as mais encontradas nas propriedades são o mogno, paricá, teça, araçá boi, feijão, copaíba, jaborandi, cupuaçu, graviola e pupunha.

Lá na minha terra, eu tenho uma grande diversificação né. Eu tenho o palmito da pupunha tem o açaí do qual eu faço licores e polpa né dos frutos, tem o araçá, tem cupuaçu, tem a pitanga, tem... Frutas em geral, tem todo o tipo de qualidade, tem as espécies florestais né... Que é toda florestada a minha propriedade agora. Depois que eu entrei na APA fiz toda... Esse acompanhamento né e venho reformando tudinho o que a gente já tinha devastado. Então agora tá toda reflorestada, tem tudo tudo lá dentro da minha propriedade. (Associado 1).

Possuidora de um estatuto rígido, que estabelece a filiação de pequenos produtores que trabalham em regime de agricultura familiar e que possuam sensibilidade para o uso de tecnologias sustentáveis para o desenvolvimento comunitário. Para os associados, este diferencial da APA é que a tornava exemplo na cidade e escola para os associados.

A minha escola foi a APA. O que eu aprendi hoje e... Que tenho a minha propriedade ainda até hoje, devido os vários problemas que eu tive de saúde. Eu tenho isso ainda, eu tenho que dá de graças a Deus e a APA. Porque se não tivesse as diversas maneiras de trabalhar, participado dos cursos, hoje eu tinha vendido a minha propriedade e já tinha ido pra cidade e eu não sei o que seria porque, se eu não tenho como chegar na cidade. A APA desenvolveu estas pequenas comunidades tudinho, haja cursos... (Associado 2).

De acordo com os documentos apresentados pela diretoria da associação durante os trabalhos de campo no momento da pesquisa documental, a APA congregava 250 famílias (sócios) distribuídas nos municípios de Ouro Preto do Oeste, Nova União, Mirante da Serra, Urupá e Vale do Paraíso. Chamada de Grande Ouro Preto.

[...] A grande Ouro Preto é o seguinte, a gente começou a trabalhar dentro do Município e tem uma demanda muito grande de, de produtores dos outros municípios procurando a APA que queria aderir a proposta. Então a gente começou a ir pros outros Municípios, fazendo um tratamento, fazendo reuniões, com eles e daí nós fizemos, já começamos a levar mudas para os produtores e alguns deles já ficou logo sócios da APA. Então a gente tem se chamado de Grande Ouro Preto é nesse motivo. Com a

APA não ficou dentro do Município. Ai tem Ouro Preto, Mirante da Serra, Alto Paraíso, Nova União e Jarú... São seis Municípios que a APA trabalha agora no setor de produção. E cursos também que a gente passa pra eles. (Associado 1)

Quanto à origem dos associados, havia uma grande diversidade de associados, o que é entendido pelo fato da intensa migração ocorrida no Estado, já contextualizado acima e conforme nos relata Moser:

Esses grupos representam o contexto sócio-político e econômico dos diversos Estados brasileiros, a realidade diversa de sua origem, que classificamos como consequência do movimento de fronteira e construção de novos espaços (MOSER, 2006)

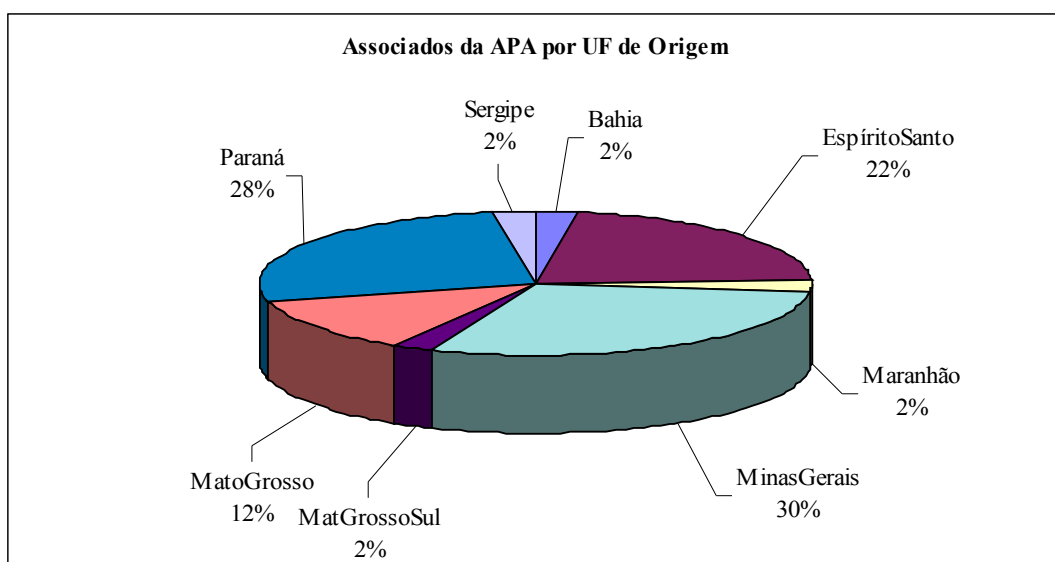


Gráfico 01 – Associados da APA por origem. Fonte: Tese Doutorado Lílian Moser. Dados da Pesquisa de Campo/2001.

Essa diversidade de culturas foi um suporte de união para o entendimento que possibilitou, segundo os associados, a criação de alternativa de sustentabilidade e desenvolvimento proposta pela APA.

A gente tinha nosso jeito de plantar, nós aqui, que viemos de muitos lugares, eu sou do Paraná, mas tem gente que veio Minas, tem muito capixaba também, a gente sabia fazer, só que errado, com os técnicos nós começamos a

pensar, pensar...é assim, outro modo de fazer, que não mata ninguém, nem mata a natureza, cria ela né, a gente reunido com essa cabeça sem pensar mais em colocar veneno, a gente cuida...todos pensavam assim e ainda pensam, vamos vendendo o que colhemos e eles sabem que é nosso então é limpo (associado 3).

Suas atividades principais eram ligadas à difusão das tecnologias dos sistemas agroflorestais, programas de capacitação para produção orgânica, e várias ações próprias e em parceria para consolidar infra-estruturas de agroindustrialização e comercialização de produtos agroflorestais. Desta forma, de acordo com os associados, puderam diversificar as fontes de renda e também conseguiram melhora nas condições técnicas e estruturais, isso fica muito bem claro diante das narrativas dos associados.

[...] Lucro pra saúde, vamos supor, porque você tendo diversificado a sua propriedade, se você não usa agrotóxico ela é uma produção sadia. Ali você vai evitar várias complicações na sua saúde, porque você vai menos no hospital, vai menos na farmácia e também a gente tem fácil cursos pras mulheres pro... Pro o agricultor de modo geral, a homeopatia, como preparar a homeopatia tanto pro gado como pra pessoa. Então são coisas bem trabalhadas em cima dessa... (Associado 1)

A maneira eu aprendi com a APA, através de algum intercâmbio que a gente fez com outros produtor, aqui, nos outros estados, até fora do Brasil também, então a gente aprendeu algumas maneiras, mais fácil de trabalhar e... Maneira de preservar também né... A nossa propriedade porque da maneira que avança a agropecuária que aqui na nossa região é muito forte é... Pouco tempo a gente não vai ter mata, não vai ter rio mais né. E a gente aprendeu a fazer isso. Aonde a gente não tinha derrubado ainda né, a nascente do rio a ciliar gente ta preservando. E aonde já tava derrubado, a gente ta se preocupando em tentar recuperar ta plantando outras árvores ou ta deixando, porque a natureza ela... Ela regenera né. Então isso tudo eu aprendi com a APA né (Associado 2)

A sede da APA, foi viabilizada através de uma parceria constituída com o Governo do Estado de Rondônia, sendo cedido uma unidade local da

CEPLAC, possibilitando a estrutura para a agroindústria, e desta forma beneficiar os produtos agroflorestais provenientes dos SAF's.

#### **4.2. Estrutura organizativa da APA**

A direção da APA era escolhida através de Assembléias, cuja duração do mandato era de 4 anos. A direção era composta de um presidente, conselho fiscal, coordenador geral, assessoria e consultoria, coordenador de produção de matéria prima, gerente de projetos, gerente de comercialização e marketing, gerente de agroindústria, gerente administrativo e financeiro e um coordenador de capacitação e organização política, que totalizavam 10 dirigentes, associados e não remunerados. Para execução das atividades existiam funcionários contratados que ficavam responsáveis pelo atendimento das vendas na loja e motorista. Também, existiam os trabalhadores temporários (em época de safra) para dar suporte à agroindústria.

De acordo com a direção da APA, a gestão da APA era orientada sempre na participação dos associados, desta forma, todas as decisões tomadas eram através de assembléias ou se necessário, dependendo a urgência da decisão, ou pela própria dificuldade em reunir os associados sempre que necessário, visto que algumas propriedades ficam a 70 km da sede da APA, determinadas decisões eram tomadas com algumas reuniões com os membros que estavam a frente da direção.

Ainda, conforme os relatos da direção, a cada ano a APA realizava uma assembléia geral, cujo objetivo principal era a realização da prestação de contas para com os sócios.

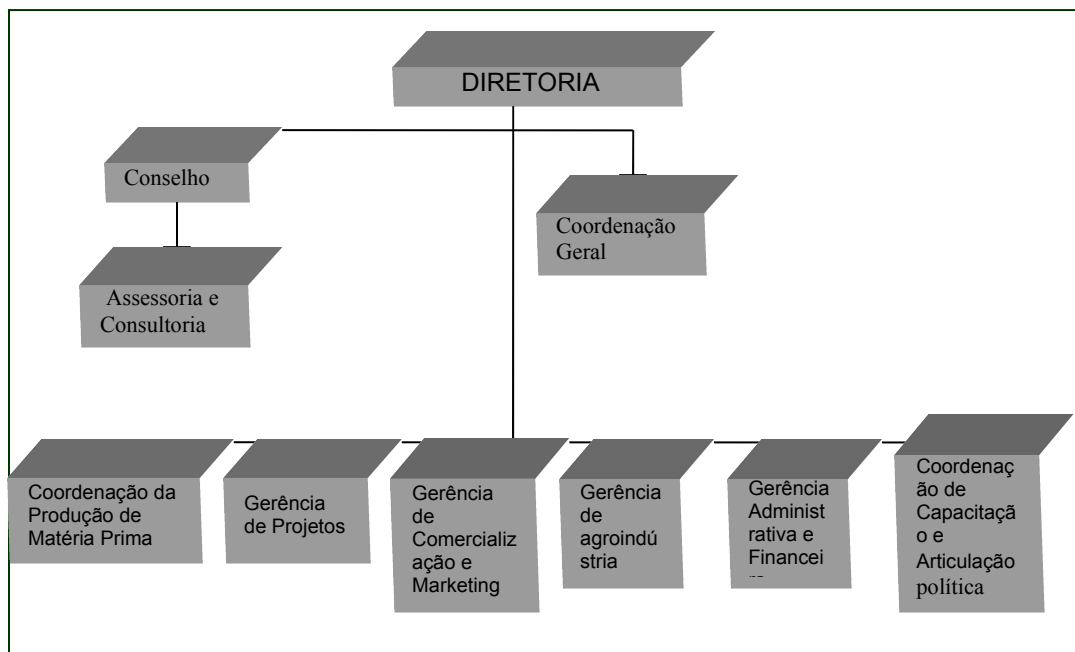


Gráfico 02 – Estrutura Organizativa da APA a partir de informações coletadas em trabalho de campo/2007.

A sede utilizada pela APA, contava com um terreno de 11.000m de área, sendo 1.200m de área construída. Só para o processamento de produção eram utilizados 500m, a indústria possuía equipamentos que foram adquiridos através de financiamento do FUNBIO para o projeto ‘Beneficiamento e Comercialização Solidária de Produtos Agroflorestais na Amazônia’, cujo valor repassado foi de R\$ 220.000,00 (Duzentos e vinte mil reais) que possibilitou iniciar o beneficiamento do palmito. (Relatório da APA/2003).

A APA possuía um viveiro florestal central, localizado no próprio município de Ouro Preto, em uma área cedida pela prefeitura local, este viveiro tinha a finalidade da produção de mudas de essências florestais,

mudas de palmáceas, ornamentais e outras espécies com função econômica e ecológica, a serem adotadas nos SAF's. A capacidade de produção do viveiro, segundo relatos da direção da APA, chegou em 400 mil mudas por ano, que foram distribuídas para os associados e também para os agricultores que não fossem associados, essa prática, servia de estímulo para a produção de árvores frutíferas, além de potencializar o reflorestamento das áreas desmatadas. A prefeitura local no ano de 2006, solicitou a devolução da área cedida, que de acordo com o prefeito, durante entrevista cedida, somente houve essa produção de mudas em um pequeno período, e que não foi significativa.

Também, disponibilizavam de uma estrutura física que possibilitava a realização de cursos, seminários e reuniões. Anexo a está estrutura, contavam com uma loja muito bem organizada para comercialização dos produtos, que tinham a marca patenteada – **APAFLORA**.



Figura 02 – Foto Frontal da Sede da Associação dos Produtores Alternativos de Ouro Preto do oeste - APA – RO (Indústria, escritório e loja) Foto: Acervo Fotográfico da APA, 2003.



### **4.3. O palmito como principal suporte para o desenvolvimento**

Como já citamos anteriormente, a idéia do grupo no início, era a questão da segurança alimentar das famílias, mas a apicultura alcançou maior destaque no início. O projeto de apicultura envolveu inicialmente 8 (oito) famílias, porém contava com grande potencial de replicação, sendo que em poucos anos aumentou significativamente o número de famílias participantes.

A procura do Palmito, por exemplo, foi muita, que agora quando iniciou, por exemplo, era mel, mas a gente não conseguiu organizar o mel pra exportação, mas temos pedidos para exportação..  
(Associado 1)

O palmito da pupunha passou a ser um produto muito procurado, tanto pelo mercado local, como para outros municípios do Estado de Rondônia, sendo o produto de maior peso para a comercialização pela APA. Durante o período de safra, a APA chegou a produzir 2.000 potes por dia e possuía capacidade para produzir o dobro.

De acordo com os associados, quando chegava o período de corte e de industrialização do palmito, a cidade ficava altamente movimentada, pois a pupunha dos associados não era suficiente, havendo a necessidade de providenciar em muitas propriedades de agricultores tanto da localidade de Ouro Preto como dos municípios vizinhos, tal qual era a demanda. Além de que, nesta fase de industrialização, havia a necessidade de contratar pessoas para o corte do palmito, para o carregamento.

O corte do palmito da pupunha era feito na propriedade do associado ou de agricultores que não eram sócios, o produto era levado para a unidade de beneficiamento, para este serviço a associação utilizava de um caminhão cedido através de uma parceria também com a Prefeitura local.

Quando o produto chegava à indústria, passava por uma triagem classificatória, que os separava através dos tamanhos e pedaços viáveis ao beneficiamento. Era adotados padrões de diferença no palmito pelo corte que se consegue fazer na peça de palmito que chegava. Esta classificação acabava resultando em palmitos inteiros, pedaços de palmito, palmito em rodelas e palmito picado. Todos eram destinados à comercialização.

#### 4.4. Comercialização e Visibilidade



Figura 03 – Sede da APA – RO (loja frontal)  
Foto: Acervo Fotográfico da APA, 2003.



Figura 04 - - Sede da APA - RO (Interior da loja)  
Foto: Acervo Fotográfico da APA, 2003.

A comercialização dos produtos era feito de forma convencional, na própria loja, com exposição dos produtos em feiras, congressos, encontros e ainda por mercados locais sob o regime de consignação, e também através do mercado justo.

O mercado justo ou comércio justo, ou ainda comercio justo e solidário, (Fair Trade), são expressões que definem um segmento de mercado baseado na equidade, onde as operacionalizações são feitas através de redes de instituições de países desenvolvidos.

Essa prática de mercado baseia-se nos princípios da justiça social, da transparência, do preço justo, da solidariedade, do desenvolvimento sustentável, do respeito ao meio ambiente, da promoção da mulher, da

defesa dos direitos da criança, da transferência de tecnologias e do empoderamento dos indivíduos.

De forma que se possa identificar se o produto é proveniente do comércio justo, criou-se um selo identificador, que atualmente passaram a ser identificados apenas por uma marca a FLO (Fairtrade Labeling Organization), que facilita a exportação dos produtos das organizações.

A APA Em 2002, iniciou-se uma negociação com a Alter Eco Commerce Equitable, através do gerente da empresa que esteve na cidade de Ouro Preto do Oeste em dezembro de 2002, com a finalidade de conhecer de perto os produtos da APA. Durante sua visita foram encomendados para a associação 1.500 caixas de palmitos, que correspondia a 22.500 potes de palmitos com 300 gramas cada pote.

A comercialização com a Alter Eco foi possibilitada através das Agências Regionais de Comercialização em Paris e com o apoio do Arco Tucumã (Agência Solidária de Comercialização de Rondônia), que intermediou o dialogo com a equipe técnica da APA.

A experiência de comercialização do palmito para a Europa, teve como parceiro a RECA (Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado), localizado no Distrito de Nova Califórnia em Rondônia. Esta parceria foi no sentido de fornecer a matéria prima e contribuir na industrialização.



Les Cœurs de Palmier Alter Eco sont croquants à l'extérieur et tendres à l'intérieur. La variété Pupunha est la plus fondante et la plus parfumée. Les cœurs de palmier Alter Eco agrémenteront toutes vos salades d'une touche fraîche et croquante. Ils peuvent se déguster tels quels avec un filet d'huile d'olive Alter

Eco et des aromates. Au début des années 1990, des petits producteurs de la région d'Ouro Preto do Oeste s'unissent et forment l'Association des Producteurs Alternatifs dont l'objectif est le redéploiement d'une agriculture durable. Celui-ci passe par la sensibilisation et la formation des membres aux techniques agro-forestières, per-

mettant de reboiser cette région. Cette activité a permis d'élever le niveau de vie des producteurs brésiliens et d'amorcer un processus de développement dans la région.

100% récolté, transformé et conditionné au Brésil

Notre approche vise à vous donner les meilleures garanties sur l'origine et la qualité de nos produits, tout en accompagnant de petits producteurs dans une démarche de développement durable. Retrouvez tous nos produits sur : [www.altereco.com](http://www.altereco.com)

Distribué par Alter Eco, 36 bd de la Bastille, 75012 PARIS

À conserver au frais après ouverture.

À consommer de préférence avant le / N° de lot :

05/08  
C0011

INGRÉDIENTS : cœurs de palmier, eau, sel. Acidifiant : acide citrique. Variété native Pupunha

3 700214 610442

Figura 05: Selo que os potes de palmitos recebiam quando chegavam no comercio da Europa. Fonte: APA

Durante as entrevistas, procuramos apurar mais a respeito do envio do palmito para a Europa, um dos associados entrevistado, parece não entender bem, relata não saber como funciona:

Eu não entendo muito disso não, só sei que o meu palmito ta ai no meio, vamos ver como vai ficar, que foi, foi..agora tem que ver com o pessoal aqui da APA..o pessoal que falou com o home lá de fora..(Associado 5)

Em diálogo com outro associado, parece já haver um pouco mais de entendimento, inclusive sobre os meios utilizados para o envio do palmito, que revelou as dificuldades para o escoamento do produto.

A gente mandou o primeiro palmito para Porto Velho, de lá foi pelo rio madeira, mas demorou muito pra chegar e estragou tudo, ficou preso na Receita e na Vigilância, a Marli sabe melhor...nós perdemos com isso muito. (Associado 3)

Com relação ao envio do palmito para a Europa e as dificuldades encontradas, de acordo com o associado para o escoamento da produção, procuramos mais informações e obtivemos o seguinte relato:

A procura do Palmito, por exemplo, foi muita, que agora quando iniciou, por exemplo, era mel, mas a gente não conseguiu organizar o mel pra exportação, mas temos pedidos para exportação, mas a gente precisa ter uma sede especifica por média pra poder facilitar o nosso serviço...É tanta coisa que eu não consigo gravar não. Ai a gente ta com o palmito que estamos organizando né, temos doce e geléia, temos licores e outros produtos que a gente pode ta mandando já pra fora. Inclusive o que a gente exporta mermo é o palmito. A gente tem uma grande... Como se diz assim??? demanda de palmito, como temos a matéria prima que produzimos,... Inclusive nós estamos exportando pra França. Porque faltou a produção né, a gente não deu conta de trabalhar lá, porque tava pouca a produção, e veio o período de sol, a gente para março, abril e maio a gente para, por causa da chuva não pode trabalhar, Ai vamos recomeçar agora em dezembro... Então a gente começa novamente. Agora a gente fica... O produto fica no deposito né e, o comercio fica... Nesse período agente fica por mais que o produto fique no depósito, mas nós ficamos sem produto mesmo. (Associada 1)

Mesmo com o embarque da mercadoria não ter sido bem sucedido, mesmo com os problemas enfrentados junto aos Órgãos competentes em relação a exportação, não foi possível averiguar com mais exatidão o real motivo do fracasso do envio da mercadoria, pois os associados de um modo geral não sabiam ou pouco sabiam e sempre indicavam a “direção da APA”<sup>5</sup> como o mais preparado para responder e a “direção da APA” respondia de forma evasiva. O que se apurou é que foi enviado um carregamento, utilizando o porto do Centro-Sul para o envio e que ainda enviariam o que faltava.

A experiência de comercialização com a Europa possibilitou a APA ser reconhecida através da mídia como uma associação que promovia o desenvolvimento sustentável e mantinha desta forma seus associados em suas propriedades. Apresentava-se como uma organização sólida.

A mídia veiculou na época, notícia a respeito da exportação, sempre tratando a APA como referência no Estado, através do modelo de produção sustentável.

**Brasília, 16/12/2002 (Agência Brasil - ABr) -** A Alter Eco, uma empresa francesa de comércio justo – que trabalha com produtos de origem socialmente ética – fechou a compra de um contêiner de palmito da Associação de Produtores Alternativos (APA) de Rondônia. O palmito é retirado da palmeira de pupunha, que é explorada de maneira a não prejudicar o meio ambiente e sem aditivos químicos.

O palmito está ganhando novos mercados: a Europa. Uma empresa francesa encomendou o primeiro lote do palmito da Amazônia. São 1,5 mil caixas do produto totalizando 22,5 mil potes de 300 gramas cada. O negócio foi intermediado pela Tucumã, uma agência de comercialização formada por 6 ONG's e 4 empresas. A agência foi criada para incentivar a agricultura familiar.

fonte: **Adital/Ambiente Brasil em 3.março/2003.**

---

<sup>5</sup> Associados que compunham a Diretoria da APA.

## 5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A organização de massas rurais a um processo de transformações progressiva do Agro só é factível mediante sua mobilização e a ruptura dos longos períodos de apatia de ditas massas impostas pelo atraso e pela rigidez do marco institucional predominante no meio rural. (MORAIS 2002, p. 44)

De acordo com o que apresentamos no Capítulo II que trata a metodologia, para se verificar a interação da APA com os associados, a comunidade e os empresários, foram elaborados instrumentos diretivos, que identificamos de **questionário A** destinados aos associados, com nove perguntas, **questionário B** para a comunidade e **questionário C** para os empresários, ambos com cinco perguntas, todos com espaços para os comentários.

Os resultados de cada questionário serão apresentados em tabelas, por acreditarmos que desta forma possa haver uma melhor visualização. Faremos os comentários após cada tabela. Utilizamos, de modo a corporificar nosso trabalho, as gravações dos associados e as anotações feitas pelos respondentes nos questionários. Solicitamos no final do questionário, a escolaridade e a idade dos respondentes, para que pudéssemos observar se as respostas são coerentes com o nível de escolaridade e com a idade.



**Questionário A, B e C: Dados até a quinta pergunta:**

**1) Como você percebe o reconhecimento da APA pela comunidade local:**

<b>Orientação</b>	<b>Associados</b>	<b>%</b>	<b>Comunidade</b>	<b>%</b>	<b>Empresários</b>	<b>%</b>
Grande Aceitação	10	100	9	90	10	100
Pouca Aceitação			1	10		
Indiferente						

Tabela 01: Reconhecimento da APA pela Comunidade. Fonte: Pesquisa de campo maio/07.

O trabalho desenvolvido pela APA durante sua trajetória possibilitou o seu reconhecimento pela mídia conforme já relatamos no capítulo anterior, sendo assim, o nosso interesse foi verificar se houve mesmo esse reconhecimento por parte da localidade em que a APA desenvolveu suas atividades, entende-se que essa aceitação social é necessária para fomentar a sustentabilidade de uma organização e as parcerias entre os produtores e empresários locais, poderiam impulsionar as fases de dificuldades.

Observamos que esta pergunta motivou os associados a demonstrar o quanto a APA era importante para a comunidade. Todos responderam que a comunidade tinha uma grande aceitação, entendemos que quando os resultados de seu próprio trabalho são questionados, predominam respostas condizentes com as relações afetivas com a organização, que retrata a relação de trabalho com a APA e que fizeram questão de ratificar, quando passamos para as gravações, conforme veremos nos relatos:

Onde se anda aqui e pergunta da APA, todos sabe..tem gente que só usa a nossa mistura....tem gente na feira que diz é da APA...é só perguntar..(Associado 4 )

..essa gente aqui sabe sim, sabe que a APA mudou muito a cabeça desses agricultores daqui, sabe que a gente não quer saber de usar veneno, sabe que o melhor, o sadio é plantar limpo..eles sabe..e gostam (Associado 3).

Olhe, não como não dizer não que essa gente aceita bem a APA, eles sabem muito que a gente sempre lutou dès do começo num foi só por nós não..(Associado 5)

A comunidade também apresentou uma grande aceitação, de acordo com o resultado dos questionários, ainda ressaltaram que a APA precisava ser ajudada, e que não poderia simplesmente acabar o que realmente ratifica as respostas dos associados, pois apenas um dos colaboradores, optou pela pouca aceitação e mesmo assim não soube dizer, apenas que entendia assim.

Os empresários se mostraram unânimes na grande aceitação, acreditam que fará muita falta, segundo suas anotações no questionário, a APA deu visibilidade para o município e que infelizmente os governantes não souberam tirar proveito disso em prol da comunidade.

Desta forma, entendemos que a APA em sua trajetória, não obteve apenas a visibilidade que a mídia promoveu em seus tempos áureos, também teve uma grande aceitação pela população do município, e o Estado, enquanto centralizador de poder deveria exercer o papel de mediação e parceria entre os produtores, visando amenizar suas fragilidades diante do capital comercial.

## 2) A APA conseguiu apresentar uma proposta alternativa de plantio:

Orientação	Associados	%	Comunidade	%	Empresários	%
Sim	10	100	10	100	10	100
Não						

Tabela 02: Apresentação de uma proposta alternativa: Fonte: Pesquisa campo maio/2007.

A questão que se procurou verificar quando se organizou esta pergunta, foi analisar se as propostas principais da APA, entre as quais, a condução de sistemas agroflorestais de produção, a difusão de tecnologias sobre o manejo de sistemas agroflorestais e a divulgação das experiências para a sociedade, foram realmente alcançados. De acordo com os resultados, todos os colaboradores possuíam o conhecimento da forma que a APA trabalhava. Isso mostra que houve uma proximidade por parte da organização com a comunidade no sentido de apresentar sua proposta de plantio.

### 3) A alternativa proposta pela APA, gerou mudanças ambientais?

Como você avaliaria:

Orientação	Associados	%	Comunidade	%	Empresários	%
Grande mudança	10	100	8	80	10	100
Pouca Mudança			1	10		
Nenhuma Mudança			1	10		

Tabela 03: Geração de mudanças ambientais. Fonte: Pesquisa campo maio/07

As nossas pesquisas indicam que os fatores que determinaram a criação da APA foi a degradação do meio ambiente, o uso desenfreado dos agro-toxicos gerando pouca produção agrícola e o mercado não voltado para o pequeno agricultor, comprometendo assim a qualidade de vida das famílias. Neste contexto tentamos identificar se foram percebidas mudanças no município através dos colaboradores de nossa pesquisa, os associados acreditam ter contribuído de forma muito gratificante para as mudanças ambientais. A consciência quanto ao ambiente, onde as práticas produtivas que valorizam o meio ambiente ampliam as práticas sociais, é como uma cartilha para os associados, é como se estivessem sempre com um discurso pronto sobre o assunto, como observamos:

Bom, pra mim teve muita melhora porque a partir da hora que a gente passou a ser sócio da APA, a gente começou um pouco a mudar a maneira de trabalhar é os costumes da nossa região. Que na nossa região se usa muito agrotóxico e a proposta da APA pra nós era é uma proposta é... Era uma alternativa que a gente tava tendo pra ta se livrando desse... Desse tipo de produto e foi que eu me associei na APA pra mim melhorou porque além da

gente tá é deixando pra trás esse tipo de produto, a gente tava aprendendo outras formas de trabalhar, que é muito difícil pro produtor você chegar e dizer pra ele que tem que parar de usar o tipo de produto químico, mas não mostrar pra ele a solução. O que que ele tem que fazer, então ele nunca vai deixar. Então a APA mostrou pra gente que tem como produzir sem tá usando esse tipo de produto. Então a gente parou de tá fazendo assim... De tá trabalhando só com os braços, tá trabalhando com a cabeça também né. (Associado 2)

Os colaboradores da comunidade que acharam ter havido grande mudança, e todos os colaboradores empresários que compartilharam da mesma resposta, atribuíram suas respostas ao fato de que a APA fazia distribuição de mudas de palmáceas. Segundo seus escritos, qualquer pessoa poderia solicitar as mudas, bastava querer e que eles também ajudavam se quisessem plantar até mesmo nos seus quintais, nas suas portas, essa consciência da APA produz sim mudança.

Quanto aos dois colaboradores da comunidade, tendo um optado pela pouca mudança, relatou que as mudanças foram somente nos sítios dos associados e o que respondeu que nem uma mudança argumentou que se tivesse mesmo grande mudança, a cidade deveria estar totalmente arborizada e não esse *“rasgão de abertura que agente nem tem onde se esconder do sol”*. (Colaborador da comunidade 8)

**4) A APA promoveu algum desenvolvimento, como econômico e social na comunidade Local:**

<b>Orientação</b>	<b>Associados</b>	<b>%</b>	<b>Comunidade</b>	<b>%</b>	<b>Empresários</b>	<b>%</b>
Desenvolvimento Econômico			3	30	1	10
Desenvolvimento Social			3	30		
Econômico e Social	10	100	1	10	9	90
Nenhum Desenvolvimento			3	30		

Tabela 04: Promoção de desenvolvimento econômico: Fonte: Pesquisa campo maio/07

De acordo com a ata de fundação da APA, dentre as diretrizes estabelecidas estavam a de iniciar na prática e consolidar uma proposta de desenvolvimento sustentável para a região e ser a vertente econômica da luta dos trabalhadores, com vista à melhoria da qualidade de vida das famílias. Com está pergunta, tentamos verificar se tais diretrizes chegaram ao seu objetivo.

Os associados acreditam que a APA promoveu desenvolvimento econômico e social, acreditam terem contribuído para a mudança de hábitos saudáveis na alimentação através de sua alternativa de plantio, quanto ao econômico, salientam que se possuem 250 sócios, esses sócios tem famílias, são consumidores, se estão bem, plantando vendendo, comprando, então mudou. Vejamos o relato:

Se a gente muda a gente também ensina, diz como é, as pessoas daqui já se acostumaram em tomar remédio que sai da mata, das plantas, a comer diferente..(Associado 4)

Eu nem vou dizer dos outros lugares, aqui a gente é, é acho que uns 250, aí tem nossa família, tem mulher, tem filho, tem nora..tudo tem necessidade né, se a gente vem compra..tem credito, eu tenho..compro, pago direitinho.. (associado 5)

Os colaboradores da comunidade ficaram bem divididos. Os três que responderam a promoção de desenvolvimento econômico lembraram que tinha época em que a APA recrutava pessoas para trabalhar, que era anunciado pela emissora local da rádio. Dos três que responderam a promoção de desenvolvimento social, um achou que a APA era muito conhecida, que sempre tinha gente na cidade falando deles, assim como nós enquanto estamos pesquisando, e que este colaborador já havia dado entrevista ele acha que em 2004 para uma televisão, os outros dois, se reportaram a uma movimentação em alguns momentos.

Quanto aos três colaboradores que responderam não ter havido nenhum desenvolvimento, dois justificaram como não ter mudado em nada para eles, continuam como sempre foram e o terceiro se mostrou indiferente ao assunto.

Já os empresários, se mostraram em grande maioria como a APA tendo promovido desenvolvimento econômico e social, quase todos os respondentes se reportaram ao fato de que o comércio tinha movimentação acentuada em época de safra de palmito. Somente um respondente optou pelo desenvolvimento econômico.

**5) Em sua opinião, a APA, durante sua trajetória, foi participativa com a comunidade do município?**

Orientação	Associados	%	Comunidade	%	Empresários	%
Muito Participativa	10	100	3	30	9	90
Pouco participativa			3	30	1	10
Não houve participação			1	10		

Tabela 05: Participação com a comunidade. Fonte: Pesquisa campo maio/07

Os associados colaboradores mais uma vez foram unânimes em responder que a APA foi muito participativa, argumentaram outra vez sobre o fato da distribuição das mudas, de serem solidários quando procurados. Já os colaboradores da comunidade, dos três que acharam ter sido muito participativa, um se reportou a uma festa em que a APA proporcionou uma exposição, que tinha como objetivo fazer a demonstração das práticas de uso do solo, porém não conseguiu informar a data, os outros dois, fizeram comentários bem parecidos, sendo atribuído a safra do palmito. Dos três que assinalou a pouca participação, apenas um fez comentários, sendo reportado também a safra do palmito. O único colaborador que optou em não haver participação argumentou que sempre o que pode ser de bom é entre eles, os associados, que para a comunidade não tem diferença.

Enquanto que os empresários, dos nove que acharam muito participativa, dois utilizaram o termo “*ajudam muita gente*”, porém não ficou muito claro como, seis se reportaram mais uma vez a safra de palmito e um



a cursos que eram oferecidos na APA, vejamos que é a primeira vez que aparece a APA como promotora de cursos. O que respondeu pouca participação, contribui relatando que com o porte da APA deveria haver mais participação, porém não mensura qual participação observou.

#### **Questionário A: Continuação sendo apenas para os associados**

##### **6) Percebe mudanças econômicas para você após o seu ingresso na APA? Como você poderia avaliar essas mudanças:**

<b>Orientação</b>	<b>Associados</b>	<b>%</b>
Significativa	10	100
Pouco percebida		
Apenas iniciando		
Não percebo mudança		

Tabela 06: Mudanças econômicas. Fonte: Pesquisa campo maio/07

Observou-se neste caso, que a APA para os associados foi o início de uma base de existência reconhecida, onde avaliaram de forma significativa as mudanças econômicas proporcionadas pela participação na associação.

É importante refletir que existem muitos fatores que influenciam a sustentabilidade de um grupo organizado, os estímulos individuais, o prestígio junto a comunidade, o respeito e fatores econômicos, são alguns que possibilitam a existência da organização. As mudanças apresentadas como significativas para os associados, mostram que a organização em sua

existência, foi capaz de modificar senão economicamente mais a forma de pensar de seus associados, não somente neles, percebe-se que há muita solidariedade com os demais sócios.

Depois que eu entrei na APA fiz toda... Esse acompanhamento né e venho reformando tudinho o que a gente já tinha devastado. Então agora tá toda reflorestada, tem tudo lá dentro da minha propriedade...o lucro vem mais tranquilo, às vezes demora mas vem. (Associado 5)

Sim, a APA foi muito bom na vida da gente, quando a gente aprendeu, a gente também lucrou, acabou né, vou ver se dá de ter uma cooperativa, vamos reunir para conversar, vem um pessoal lá do Sebrae, marcou uma reunião com quem quiser ver se quer ter uma cooperativa, vamos ver, risadas, gato escaldado né...(Associado 4)

## 7) A comercialização praticada pela APA, a seu ver é eficiente?

Orientação	Associados	%
Muito eficiente	5	50
Pouco eficiente	3	30
Ineficiente	2	20

Tabela 07: Comercialização. Fonte: Pesquisa campo maio/07

O mercado é muito grande, tem sempre que se comer e tem poucos que plantam, né, como fazer isso, aí é um problema grande..tava indo até muito bem..vendia bem..eu vejo assim, esse negócio de.. de mandar lá pra fora palmito, era muito palmito..aí a gente nem vendeu aqui como fazia e nem ganhou lá.Tinha que ter calma né, faltou isso. (Associado 5)

Metade dos colaboradores achou muito eficiente, fato que interessou, pois não apresentaram argumentações que ratificassem suas respostas, já os que responderam pouca eficiência e ineficiência fizeram suas considerações.

A eficiência nos processos de uma organização contribui para a sua permanência no mercado. A busca de eficiência, parte do princípio que o produtor precisa ter capacidade para transformar dificuldades em oportunidades, sendo necessário para tanto a apropriação de conhecimentos e tecnologia mínimos necessários que orientem sua sustentabilidade.

A inserção no mercado pode ser um fator decisivo, sobretudo para aqueles agricultores que, não têm a comercialização direta em feiras como uma alternativa, como é o caso do palmito da pupunha, que precisa de todo um processo de beneficiamento para ser inserido no mercado.

**8) Há algum incentivo por parte dos governantes em ajudar a APA neste momento de dificuldades?**

Orientação	Associados	%
Sempre incentivaram	0	0
Pouco incentivo	2	2
Nenhum incentivo	8	8

Tabela 08: Ajuda governamental. Fonte: Pesquisa campo maio/07

Era pra ser assim, caminhando junto, participando de tudo...eu digo que não é bem assim, eles não querem muito não...e o prefeito é agricultor, mas grande, ele não aceita muito ajudar a gente.(Associado 4 ).

Já teve sim, mas agora não tem não...o prefeito ta até pedindo de volta o que é deles..(Associado 3)

O que mais a gente precisa agora é ajuda..tá difícil de banco ajudar, de prefeito ajudar, de alguém ajudar..(Associado 5)

### 9) Para você como foi a administração da APA:

Orientação	Associados	%
Muito eficiente	0	0
Pouco eficiente	6	60
Fraca	4	40

Tabela 09. Administração fonte: Pesquisa de campo maio/07.

Não pretendemos de forma alguma com essa pergunta avaliar as pessoas que estiveram a frente da administração da APA, e sim nos orientar sobre os caminhos percorridos para compreender a categoria de análise da pesquisa, uma vez que a forma como a APA foi organizada é o ponto de partida para os questionamentos aqui apresentados.

Neste ponto se percebe a insatisfação dos sócios que colaboraram com a pesquisa, a maioria, seis colaboradores, apontou a administração como pouco eficiente e os demais, como fraca. Os associados fizeram muitos relatos a respeito da administração, porém, optamos pelos cortes.

[...] eu digo que a gente devia saber bem antes...quando já tava tudo no chão, quebrado, esfacelado...chamaram a gente pra que..não tem jeito..quando se fala não conhece nada...agora quero ver..nem sabe dizer pra gente direito... (Associado 3)

[...] olha dona, se a senhora me perguntar se é pra começar de novo, eu digo sim.....com pessoas diferentes de cabeça...nós tem culpa sim, nós confiou, nós deixou..o olho do dono é que engorda o boi.....(Associado 4)

[...] a gente vai levando a vida...não quer dizer porque, mas nós já sabe..não adianta..quando a gente pensou que tava tudo muito bem veio isso, e só que já vem de tempo.....porque só agora fala né, não disse antes.....lindo, bonito...(Associado 5)

O resultado da pesquisa junto aos associados, a comunidade e os empresários, possibilita que a análise das tabelas nos oriente para a construção das considerações finais da presente pesquisa e consequentemente possa abrir espaços para futuros estudos.

## **CONSIDERAÇÕES**

O nosso objetivo foi pesquisar a APA a partir da organização dos espaços sociais, tendo como nossa categoria de análise a representação social que a APA exerceu durante suas atividades através de sua sustentabilidade organizativa. A APA foi constituída em meio aos desafios dos PIC's em uma fronteira sendo ocupada.

O campo, um terreno fértil das mudanças sociais, palco de muitos movimentos transforma-se então no loco privilegiado onde se desenrola o complexo enredo engendrado pelo desenvolvimento. Essas ações dos homens e mulheres com a natureza, em busca de ideais, transformam o espaço habitado, e possibilita a ampliação do espaço de valor (BOADA, 1991).

A trajetória da Associação dos Produtores Alternativos, orientada sob os ideais de uma agricultura alternativa foi preponderante para os associados, que assimilaram a nova prática proposta pela instituição. Fato este observado a partir da análise dos dados coletados durante a pesquisa, que a APA para os associados foi o início de uma base de existência reconhecida, onde vislumbram de forma significativa as mudanças econômicas proporcionadas pela participação na associação.

Essas mudanças ocorreram através da diversificação da produção nas suas propriedades, com a implantação dos SAF's, onde associados podem ter maiores possibilidades de crescimento econômico e melhoria da infra-estrutura da propriedade, como também de qualidade de vida, no que se refere à saúde, mesmo com a ausência da instituição a qual faziam parte,

eles permanecem com as práticas aprendidas. O que vai mudar para os associados, certamente será a forma como conduzirão a comercialização de seus produtos e uma das saídas já proposta por parte dos próprios associados que fizeram parte desta pesquisa é a inserção em cooperativas.

Com relação à representação social da APA, de acordo com nossas análises, houve reconhecimento da proposta oferecida pela APA por parte da comunidade onde estava inserida, a proposta alternativa de plantio foi realmente alcançada, onde mostrou a aceitação de todos os colaboradores da pesquisa, em nosso entendimento, não foi elaborado ainda um modelo eficaz de desenvolvimento a ser aplicado. O que há são experiências pontuais como a APA, que procuram valorizar a cultura local e a partir disso buscar alternativas para o desenvolvimento daquela comunidade. Existem comunidades, grupos, cidades que podem ser inseridas em programas voltados às suas realidades, aos seus contextos, às suas reais necessidades que possibilite às pessoas vislumbrarem cenários positivos, através do pensamento coletivo, da inserção no projeto a ser construído de forma participativa que podem orientar como uma das alternativas para o desenvolvimento sustentável.

Porém o mercado, por sua vez, tem a marca da competitividade e, em consequência, também gera a exclusão. Essa exclusão social é uma herança que nos acompanha há tempos e atinge instituições e pessoas que são menos preparadas, por não terem acesso ao conhecimento e à tecnologia. Desta forma a sustentabilidade organizativa de uma instituição, parte do comportamento organizacional, que de acordo com Moraes (2002), tem que partir de uma consciência organizativa, porque é ela quem conduz

o grupo à transformação social e econômica. Observamos que em sua trajetória, a APA quando se propôs a contribuir com o processo de desenvolvimento, apresentou eficiência nas propostas que idealizou. Porém observamos a fragilidade em sua consciência organizativa no que se refere à condução de sua operacionalização na execução dos projetos alcançados e na sua comercialização. Esta conclusão é possibilitada com base na análise dos documentos, entrevistas e colaborações recebidas.



## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY Ricardo. *Agricultura Familiar e Desenvolvimento Territorial*. São Paulo: Ática, 1994.
- ÁLVARES-AFONSO, Frederico Monteiro. *Desenho, Monitoramento e políticas públicas para a implantação de sistemas agroflorestais na Amazônia brasileira*. I Simpósio sobre sistemas agroflorestais na Amazônia. Anais. Porto Velho: EMBRAPA-CPAF, 1998.
- ANDRADE, M. C. Espaço, polarização e desenvolvimento: Uma introdução à economia regional, 5 ed., São Paulo, Atlas, 1987.
- AMARAL, Januário. *Mata Virgem: Terra Prostituta*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- AMARAL, Januário. *Os Latifúndios do INCRA*. Porto Velho: Edufro, 2007.
- ARMANI, D. Sustentabilidade: desafio democrático. Texto cedido pelo próprio autor, por meio eletrônico, 2008.
- ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES ALTERNATIVOS – APA, Atas das Reuniões e Assembléias, Relatórios de Atividades, Ouro Preto d'Oeste, 1992 a 2006.
- BECKER, B. K. *Amazônia: Série Princípios*, 1998.
- BECKER, Bertha K. A Amazônia pós ECO-92. In: BURSZTYN, Marcel (org.). Para pensar o desenvolvimento sustentável. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOADA, Luis. O Espaço Recriado. São Paulo: Nóbél, 1991.
- BOISIER, S. *Política econômica, organização social e desenvolvimento regional*. In: HADDAD, P. R. (Org.). Economia regional: teorias e métodos de análise. Fortaleza: BNB/ETENE, 1989.
- BRUYNE, Paul de et al. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- CAVALCANTI, Clóvis (Org.). Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1997.
- COSTA, José M. Nilton; LOCATELI, Marília et al. Estudo de Caso Sobre Sistemas Agroflorestais em Uma Propriedade Rural no Município de Ouro Preto D'Oeste-Rondônia. Congresso Brasileiro Sobre Sistemas Agroflorestais, 1994, Porto Velho. Anais. Colombo: EMBRAPA-CNPQ, 1994.
- DALLABRIDA, Valdir R. *Novos paradigmas para o desenvolvimento regional*. In: GeoNotas – Revista do Departamento de Geografia/UEM. TRIMESTRAL - VOL.3 Nº 1 - JAN/FEV/MAR 1999.
- EMBRAPA-EMATER. *Sistemas Agroflorestais Como Alternativa Auto Sustentável Para o Estado de Rondônia: Histórico, Aspectos Agronômicos e Perspectivas de Mercado*. Porto Velho: EMBRAPA-EMATER, 1995.
- .FERREIRA NETO, Augusto. *Desenvolvimento comunitário*. Augusto Ferreira, Neto, Sebastião Garcia. Rio de Janeiro: Bloch, 1987.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIDDENS, Antony. *As Conseqüências da Modernidade*. Trad. Raul Fiker, 2ª ed. São paulo: UNESP, 1991

HADDAD, Paulo R. *A competitividade do agronegócio e o desenvolvimento regional no Brasil*, estudo de *cluster*. Brasília: CNPq/Embrapa, 1999.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 2ª Ed., 1993.

HEBETTE, Jean e MARIN, Rosa E. Acevedo. Estado e Reprodução da Estrutura Social na Fronteira: Ariquemes em Rondônia, *in*, HÉBETTE, Jean, Cruzando a Fronteira. 30 Anos de Estudo do Campesinato na Amazônia. Volume 1. Belém,PA, Ed. Universitária/UFPA, 2004

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censo 2007.

JARA, Carlos Julio. *As dimensões intangíveis do desenvolvimento sustentável*. Brasília: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), 2001.

MARTINS, G. A. *Manual para elaboração de monografias e dissertações*. 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002

MATHIS, Armin. *Instrumentos para o desenvolvimento sustentável regional*. IN: ADCONTAR. Revista do Centro de Estudos Administrativos e Contábeis. Belém. Vol. 2, nº 2, p. 19-30. 2001.

MEDEIROS, L. S. *História dos movimentos sociais no campo*. Rio de Janeiro: FASE, 1989. 216p.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*. 5ª Edição, São Paulo: Loyola, 2005.

MORAIS, Clodomir Santos de. *La Organización Campesina y el Desarrollo Rural*. México: Extemporaneos,1997.

MORAIS, Clodomir Santos de. *Qual é o mérito do método Paulo Freire?* CAGEO: 1997.

MORAIS, Clodomir Santos de. *Teoria da Organização Autogestionária*. Porto Velho RO: Edufro, 2002.

MORAIS, Clodomir Santos de. *A Marcha dos Camponeses Rumo à Cidade*. Porto Velho: Edufro, 2002.

MONTIBELLER-FILHO, Gilberto. O mito do desenvolvimento sustentável: meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias. 3ª Ed., Florianópolis:UFSC, 2008.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de & STEDILE, João Pedro. A Natureza do Agronegócio no Brasil – Cartilha da Visa Campesina. Via Campesina Brasil. Brasília – DF, Maio de 2005. Mineog.

OLIVEIRA, Gilson Batista de; LIMA, José Edmilson de Souza. Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. In: Revista FAE. Curitiba. Vol. 6, Nº 2, p. 29-37, Maio/Dez, 2003.

SANTOS, Carlos. *Percursos Geográficos: Rumo à Toposofia*. Porto Velho: Fundação Rio Madeira, 2004.

SANTOS, Carlos. *A Fronteira do Guaporé*. Porto Velho: Edufro, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: ....

SEBRAE. *Desenvolvimento Regional*. Rondônia, 2002.

SELLTIZ et al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo, EPU, 1965.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças S. *O Espaço Ribeirinho*. Porto Velho: Terceira Margem, 2003.

SMITH, Neil. *Desenvolvimento Desigual*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

THOMPSON, Paul. *A voz do Passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª Ed. 2002.

VEIGA, José Eli. *O desenvolvimento agrícola: uma visão histórica*. São Paulo, Edusp/ Hucitec, 1991.

YIN, Robert K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. (trad. Daniel Grassi).

VALVERDE, O. *O Problema Florestal da Amazônia Brasileira*. Petrópolis: VOZES, 1980.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA (Acessada na rede de internet)**

ALTER ECO COMMERCE ÉQUITABLE. Disponível em <http://www.altereeco.com>. Acesso em 13/08/2008.

ASSOCIATION EUROPEENNE DE COMMERCE ÉQUITABLE. Mémento du commerce équitable, les enjeux du nouveaux millénaire 2002-2003. Bruxelles: Disponível em : <http://www.commerceequitable.org>. Acesso em : 13/08/2008.

BECKER, B. K , Philippe Léna. *Pequenos Empreendimentos Alternativos na Amazônia*. 2002. Disponível em: [www.ie.ufrj.br/redesist](http://www.ie.ufrj.br/redesist). Acesso em 02/07/2008.

Ministério do Meio Ambiente – MAA. Agenda 21. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/> Acesso em 13/10/2008.

Plano Agroflorestal e Pecuário de Rondônia – PLANFLORO. Disponível em [www.planaflo.ro.gov.br](http://www.planaflo.ro.gov.br) . Acesso em 03/05/2008.

SOLIDAR´ MOND. Disponível em : <http://www.solidarmonde.fr> Acesso em : 13/08/2008.

# APÊNDICES

## **APÊNDICE A – Questionário A (Associados)**

**1) Como você percebe o reconhecimento da APA pela comunidade local:**

- ( ) Grande aceitação
- ( ) Pouca aceitação
- ( ) Indiferente

Comentários:

**2) A APA conseguiu apresentar uma proposta alternativa de plantio:**

- ( ) sim
- ( ) não

Comentários:

**3) A alternativa proposta pela APA, gerou mudanças ambientais? Como você avaliaria:**

- ( ) grande mudanças
- ( ) pouca mudança
- ( ) nenhuma mudança

Comentários:

**4) A APA promoveu algum desenvolvimento, como econômico e social da comunidade Local:**

- ( ) desenvolvimento Econômico
- ( ) Desenvolvimento Social
- ( ) Econômico e Social
- ( ) Nenhum desenvolvimento

Comentários:

**5) Em sua opinião, a APA, durante sua trajetória, foi participativa com a comunidade do município?**

- ( ) Muito participativa
- ( ) Pouco participativa
- ( ) Não houve participação

Comentários:

**6) Percebe mudanças econômicas para você após o seu ingresso na APA? Como você poderia avaliar essas mudanças:**

- ( ) significativa
- ( ) pouco percebida
- ( ) apenas iniciando
- ( ) não percebo mudança

Comentário:

**7) A comercialização praticada pela APA, a seu ver é eficiente?**

- ( ) Muito eficiente
- ( ) Pouco eficiente
- ( ) Ineficiente

Comentários:

**8) Há algum incentivo por parte dos governantes em ajudar a APA neste momento de dificuldades?**

- ( ) sim
- ( ) não

Comentários:

**9) Como você avaliaria a administração da APA:**

- ( ) Eficiente
- ( ) muito boa
- ( ) fraca

Comentários:

Idade \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE: Questionário B (Comunidade)**

**1) Como você percebe o reconhecimento da APA pela comunidade local:**

- ( ) Grande aceitação
- ( ) Pouca aceitação
- ( ) Indiferente

Comentários:

**2) A APA conseguiu apresentar uma proposta alternativa de plantio:**

- ( ) sim
- ( ) não

Comentários:

**3) A alternativa proposta pela APA, gerou mudanças ambientais? Como você avaliaria:**

- ( ) grande mudanças
- ( ) pouca mudança
- ( ) nenhuma mudança

Comentários:

**4) A APA promoveu algum desenvolvimento, como econômico e social da comunidade Local:**

- ( ) desenvolvimento Econômico
- ( ) Desenvolvimento Social
- ( ) Econômico e Social
- ( ) Nenhum desenvolvimento

Comentários:

**5) Em sua opinião, a APA, durante sua trajetória, foi participativa com a comunidade do município?**

- ( ) Muito participativa
- ( ) Pouco participativa
- ( ) Não houve participação

Comentários:

Idade \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE: Questionário C ( Empresários)**

### **1) Como você percebe o reconhecimento da APA pela comunidade local:**

- ☐ Grande aceitação
- ☐ Pouca aceitação
- ☐ Indiferente

Comentários:

### **2) A APA conseguiu apresentar uma proposta alternativa de plantio:**

- ☐ sim
- ☐ não

Comentários:

### **3) A alternativa proposta pela APA, gerou mudanças ambientais? Como você avaliaria:**

- ☐ grande mudanças
- ☐ pouca mudança
- ☐ nenhuma mudança

Comentários:

### **4) A APA promoveu algum desenvolvimento, como econômico e social da comunidade Local:**

- ☐ desenvolvimento Econômico
- ☐ Desenvolvimento Social
- ☐ Econômico e Social
- ☐ Nenhum desenvolvimento

Comentários:

### **5) Em sua opinião, a APA, durante sua trajetória, foi participativa com a comunidade do município?**

- ☐ Muito participativa
- ☐ Pouco participativa
- ☐ Não houve participação

Comentários:

Idade\_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_



# **ANEXOS**

## **ANEXO A: Entrevista realizada no ano de 2006 - Associado 1**

A minha propriedade tem 48 equitária...é, é, bom....eu digo assim né..que lá eu tenho uma grande diversificação né. Eu tenho o palmito da pupunha tem o açaí do qual eu faço licores e polpa né dos frutos, tem o araquá, tem cupuaçu, tem a pitanga, tem... Frutas em geral, tem todo o tipo de qualidade, tem as espécies florestais né... Que é toda florestada a minha propriedade agora. Depois que eu entrei na APA fiz toda... Esse acompanhamento né e venho reformando tudinho o que a gente já tinha devastado. Então agora ta toda reflorestada, tem tudo tudo lá dentro da minha propriedade.Eu to na APA desde a fundação.....a Apa começou em 92 com 29 famílias... apenas. Ai dessas 29 conforme o trabalho que a gente foi fazendo é que o pessoal foi aderindo né, nossa proposta. E foi também se chegando e vindo se associar a Apa. A APA agora ta somando esses 250 sócios. E agora a gente ta passando por um enxugamento da... Da lista de sócios porque tem umas pessoas desses 250 que não encaixa mais, porque já é grande proprietário e também não segue o ritmo que APA... Que a APA é uma associação que ela trabalha muito pra não usar agrotóxicos. Tem que ser uma produção sadia, vamos dizer assim. Então tem muitas pessoas que já saiu dessa linha. Então a gente ta tirando essas pessoas, enquanto já tem mais de 300 na fila querendo se associar também. Então... Então vai tirar, mas vai entrar muito mais. Ta sendo... A gente faz um acompanhamento assim de manejo da associação pra realmente ver se essas pessoas se encaixam de fato no no, nos critérios que a associação prega. É assim né, tem pessoas, é mio assim, porque essas pessoas elas pensam que vão plantar uma equitária de pupunha só pupunha. Ela vai dar o retorno financeiro pra eles. Não é assim que APA prega. Não é pra dar retorno financeiro pra ficar... Bem de situação, vamos supor né. Porque ela prega, se tem um equitaria de de palmito você tem que ter também a equitária de cacal, equitária de café, uma vaquinha pro seu sustento também, ter fruteiras diversificadas, então várias coisas. Então esse é o critério da APA. Então muita gente chegou e só plantou somente a pupunha e queriam que desse retorno financeiro e não dá. Tem que diversificar o plantio. O empresário enche o proprietário de café dá uma baixa, o pessoal vai lá e taca capim em cima, acabou. Em vez de deixar a lavoura do café e acrescentar mais itens, eles plantam o café em cima, o o capim (faz a correção) ai acaba com tudo e só fica o gado e o gado não vai trazer o retorno financeiro também... É pura ilusão o gado. Então... Ai eles não somam o que a propriedade vai dar de lucro financeiro... Lucro pra saúde, vamos supor, porque você tendo diversificado a sua propriedade, se você não usa agrotóxico ela é uma produção sadia. Ali você vai evitar várias complicações na sua saúde, porque você vai menos no hospital, vai menos na farmácia e também a gente tem fácil cursos pras mulheres pro... Pro o agricultor de modo geral, a homeopatia, como preparar a homeopatia tanto pro gado como pra pessoa. Então são coisas bem trabalhadas em cima dessa...parceria com a SEMAR, com SEBRAI, são muitos não lembro agora, a gente tem todos esses cursos com todos os grupos nossos da APA. E não, pessoas que que não é sócio. A gente faz esse trabalho. A gente se chama a

grande Ouro Preto. Porque são vários municípios que adere também a APA... A nossa proposta. Então é um trabalho muito lindo! Que a APA faz com pouco. Não temos os recursos financeiros só pra ta fazendo aquilo que a gente sonha em fazer ainda...A procura do Palmito, por exemplo, foi muita, que agora quando iniciou, por exemplo, era mel, mas a gente não conseguiu organizar o mel pra exportação, mas temos pedidos para exportação, mas a gente precisa ter uma sede específica por média pra poder facilitar o nosso serviço.... Ai a gente ta com o palmito que estamos organizando né, temos doce e geléia, temos licores e outros produtos que a gente pode ta mandando já pra fora. Inclusive o que a gente exporta mermo é o palmito. A gente tem uma grande... Como se diz assim??? demanda de palmito, como temos a matéria prima que produzimos,... Inclusive nós estamos exportando pra França. Porque faltou a produção né, a gente não deu conta de trabalhar lá, porque tava pouca a produção, e veio o período de sol, a gente para março, abril e maio a gente para, por causa da chuva não pode trabalhar, Ai vamos recomeçar agora em dezembro... Então a gente começa novamente. Agora a gente fica... O produto fica no depósito né e, o comercio fica... Nesse período a gente fica por mais que o produto fique no depósito, mas nós ficamos sem produto mesmo. Ai como eu tava dizendo pra você né da grande Ouro Preto.. A grande Ouro Preto é o seguinte, a gente começou a trabalhar dentro do Município e tem uma demanda muito grande de, de produtores dos outros municípios procurando a APA que queria aderir a proposta. Então a gente começou a ir pros outros Municípios, fazendo um tratamento, fazendo reuniões, com eles e daí nós fizemos, já começamos a levar mudas para os produtores e alguns deles já ficou logo sócios da APA. Então a gente tem se chamado de Grande Ouro Preto é nesse motivo. Com a APA não ficou dentro do Município.Ai tem Ouro Preto, Mirante da Serra, Alto Paraíso, Nova União e Jarú... São seis Municípios que a APA trabalha agora no setor de produção. E cursos também que a gente passa pra eles, todo o ensinamento que precisa, é muito trabalho aqui, ai tem gente que diz, sim mas e dinheiro, como se vive sem dinheiro...é claro que não vive sem né...só que tem que entender a filosofia da APA..o dinheiro ele recebe pela produção, a produção que ele fornece pra APA, ele recebe pela produção. Eu vou citar o meu exemplo, porque no período da produção do palmito eu tiro lá dois ou três corte no meu equitário, ai nesse intervalo esses cortes que eu ponho, eu tenho o açaí que eu produzo, eu faço licor artesanal né que eu faço licor que eu trago pra a associação ai eu faço a polpa do cupuaçu também, faço também é... Os artesanatos que a gente faz também vêm traz tudo isso gera renda financeira pra família em geral. Então esse é o retorno financeiro que a gente tem da associação. Com os produtos da gente somos beneficiados na associação e isso é muito bom né, ta bom?

## **ANEXO B: Entrevista realizada no ano de 2006 - ASSOCIADO 2**

Bom, pra mim ser da APA teve muita melhora porque a partir da hora que a gente passou a ser sócio da APA, a gente começou um pouco a mudar a maneira de trabalhar é os costumes da nossa região. Que na nossa região se usa muito agrotóxico e a proposta da APA pra nós era é uma proposta é... Era uma alternativa que a gente tava tendo pra ta se livrando desse... Desse tipo de produto e foi que eu me associei na APA pra mim melhorou porque além da gente ta é deixando pra trás esse tipo de produto, a gente tava aprendendo outras formas de trabalhar, que é muito difícil pro produtor você chegar e dizer pra ele que tem que parar de usar o tipo de produto químico, mas não mostrar pra ele a solução. O que que ele tem que fazer, então ele nunca vai deixar. Então a APA mostrou pra gente que tem como produzir sem ta usando esse tipo de produto. Então a gente parou de ta fazendo assim... De ta trabalhando só com os braços, ta trabalhando com a cabeça também né. É... Hoje pra mim mesmo, minha família, hoje eu não posso desenvolver grandes atividades dentro da minha propriedade por questão é de saúde física mesmo, a... Mas a maneira... A maneira eu aprendi com a APA, através de algum intercâmbio que a gente fez com outros produtor, aqui, nos outros estados, até fora do Brasil também, então a gente aprendeu algumas maneiras, mais fácil de trabalhar e... Maneira de preservar também né... A nossa propriedade porque da maneira que avança a agropecuária que aqui na nossa região é muito forte é... Pouco tempo a gente não vai ter mata, não vai ter rio mais né. E a gente aprendeu a fazer isso. Aonde a gente não tinha derrubado ainda né, a nascente do rio a ciliar gente ta preservando. E aonde já tava derrubado, a gente ta se preocupando em tentar recuperar ta plantando outras árvores ou ta deixando, porque a natureza ela... Ela regenera né. Então isso tudo eu aprendi com a APA né. Então pra mim eu falo sempre nós tem a escola EFA que os meus filhos estão estudando, tem a APA né, que vão estudar pra se formar... Não pra ficar trabalhando pra ir pra cidade, pra aprender a trabalhar na propriedade. Então a escola é essa eu não tive a oportunidade de estudar. A EFA é a escola da família agrícola né, onde os filhos dos produtor vão pra lá e se forma, eles trabalha, fica 15 dias na escola, 15 dia eles vem pra propriedade onde eles faz desenvolver os trabalhos. Então, eu sempre falo que a minha escola é, os alunos hoje a escola deles é a EFA. A minha escola foi a APA. O que eu aprendi hoje e... Que tenho a minha propriedade ainda até hoje, devido os vários problemas que eu tive de saúde. Eu tenho isso ainda, eu tenho que dá de graças a Deus a APA. Porque se não tivesse as diversas maneiras de trabalhar, participado dos cursos, hoje eu tinha vendido a minha propriedade e já tinha ido pra cidade e eu não sei o que seria porque, se eu não tenho como chegar na cidade de...A APA desenvolveu estas pequenas comunidades tudinho, haja cursos,,E você vai ter... Você não tem estudo... Você tem que encarar qualquer tipo de serviço... Que você não pode fazer. Por isso eu dou de graças a Deus a APA.

## **ANEXO C - Entrevista realizada no ano de 2006 - Associado 3**

A gente aqui é tudo agricultor, sabe..A gente tinha nosso jeito de plantar, nós aqui, que viemos de muitos lugares, eu sou do Paraná, mas tem gente que veio Minas, tem muito capixaba também, a gente sabia fazer, só que errado,com os técnicos nós começamos a pensar, pensar...é assim, outro modo de fazer, que não mata ninguém, nem mata a natureza, cria ela né, a gente reunido com essa cabeça sem pensar mais em colocar veneno, a gente cuida...todos pensavam assim e ainda pensam, vamos vendendo o que colhemos e eles sabem que é nosso então é limpo é isso a APA né, se a senhora quiser eu posso lhe levar lá no meu sitio, fica aqui perto 18 quilômetros depois da virada, ai a senhora vai ver como é que a gente mexe a terra...lá eu tenho o palmito, que é a pupunha a senhora sabe né, tenho o cupuaçu, tenho muita fruta diferentes né, que é assim, para poder ter sempre como a APA ensinou, se todo mundo fizesse assim era bom né, mas aqui na cidade, nas outras cidades daqui eles sabem que nos somos da APA ai a gente sabe plantar, a gente tem ensinado, eu tenho ensinado, vou de gratidão mesmo ensinar o que aprendi.. essa gente aqui sabe sim, sabe que a APA mudou muito a cabeça desses agricultores daqui, sabe que a gente não quer saber de usar veneno, sabe que o melhor, o sadio é plantar limpo..eles sabe..e gostam..agora é duro né dizer como ta agora..a gente não sabe assim muito bem não na verdade....eles falam só pouco..a gente mandou o primeiro palmito para Porto Velho, de lá foi pelo rio madeira, mas demorou muito pra chegar e estragou tudo, ficou preso na Receita e na Vigilância, a Marli sabe melhor...nós perdemos com isso muito, mas vamos tocando..eu digo que o que a APA precisa mesmo é de ajuda..só que quem quer ajudar? Eles dizem que já falaram com este, aquele, aquele outro, sei lá se falaram mesmo..não da de acreditar mas né...quando o Magno tava aqui ajudava bastante, já teve ajuda sim, já teve sim..mas agora não tem não, o prefeito não quer nem ouvir falar na APA...a senhora sabe que ele também é agriculto...depois fale lá com ele..ele deve dizer que não vai mais ajudar em nada..é né..a opinião dele..a senhora sabia que o prefeito ta pedindo de volta o que é deles..quer e quer logo...vai fechar mesmo..acabou..as vamos tocar nossas vidas..agora não tem jeito.....eu digo que a gente devia saber bem antes...quando já tava tudo no chão, quebrado, esfacelado...chamaram a gente pra que..não tem jeito..quando se fala não conhece nada...agora quero ver..nem sabe dizer pra gente direito...fica se escondendo..antes ficava desfilando aqui na cidade.

## **ANEXO D: Entrevista realizada no ano de 2006 - Associado 4**

Ele me avisou que a senhora tava aqui pra falar com a gente eu disse que eu quero ir lá falar com ela, pra dizer pra ela que da APA. Sim, a APA foi muito bom na vida da gente, quando a gente aprendeu, a gente também lucrou, acabou né, vou ver se da de ter uma cooperativa, vamos reunir para conversar, vem um pessoal lá do Sebrae, marcou uma reunião com quem quizer ver se quer ter uma cooperativa, vamos ver, risadas, gato escaldado né..não eu vou dizer tudo pra senhora sério ta.. ...olha dona, se a senhora me perguntar se é pra começar de novo, eu digo sim.....com pessoas diferentes de cabeça...nós tem culpa sim, nós confiou, nós deixou..o olho do dono é que engorda o boi..sabe o começo tava tudo indo direitinho, tinha muita gente procurando a APA, todo mundo queria saber da APA..essa cidade..por onde a senhora andar vão lhe dizer da APA..a APA foi boa sim, foi mãe.Se a gente muda a gente também ensina, diz como é, as pessoas daqui já se acostumaram em tomar remédio que sai da mata, das plantas, a comer diferente..eles gostam do nosso produto..a mulher faz doces, aqueles que a senhora viu lá..muito bom a gente vende muito e tem também as frutas natural, o palmito a RECA já disse que vem buscar aqui, lá os meus já tão tudo no ponto pra corte, ai tem as cidades daqui de perto que vem atrás a gente vende, antes a gente colocava nosso símbolo nos vidros..já viu né..porque era APA agora é sem sim..só não dá de vender assim de muito, ai o governo não deixa não..mas a cooperativa vai resolver isso..nós vamos ficar lá em cima sempre...se tivesse feito assim quem sabe né.. Era pra ser assim, caminhando junto, participando de tudo...eu digo que não é bem assim, eles não querem muito não...e o prefeito é agricultor, mas grande, ele não aceita muito ajudar a gente eu só fico assim danado com esse prefeito sabe..ele é agricultor igual nois e não quer papo, o pessoal diz que ele não vai mais ajudar pra ela levar tudo e dizer não sei, não sei, não sei...a cidade vai sentir sim, aqui tinha muito movimento com a APA no tempo do palmito, tinha sempre gente de fora fazendo que nem a senhora as entrevista é..pra estudo né..era bom sim..digo assim que a APA me acordou pra saber assim mais das coisas sabe, assim de ter ficado mais importante de saber sabe, eu conheço agora a forma de plantar bem certa, eu to muito bem assim, minha família ta muito bem sim..tenho tudo sabe..já ta bom né?

## **ANEXO E: Entrevista realizada no ano de 2006 - Associado 5**

Eu sou agricultor e to aqui desde que começou, a gente se reuniu com as idéias dos técnicos..aqueles lá da Emater sabe..eu vi muito bom e disse que queria sim...eu fui um dos que começou tudo também, igual a eles que tão aqui também, agente acreditou muito, foi muita luta viu, muito mesmo..tai...aprendemos sim..acho que todos os cursos foram muito bom pra nois aqui ai a gente ensina, ajuda a quem quer também né...num é todo mundo que quer para de usar veneno nas suas propriedades..mas quem quer...eu ajudo mesmo. Essa gente aqui da cidade conhece a gente sim muito bem e sabe que agente faz diferente, vende diferente, ajuda mesmo. Olhe, não como não dizer não que essa gente aceita bem a APA, eles sabem muito que a gente sempre lutou dês do começo num foi só por nós não..o presidente já teve aqui, tem foto lá no escritório..depois pegue lá com a Marli..acho que ela dá né, ele só foi em uma propriedade, mas foi e achou muito lindo, a gente ficou muito orgulhoso sabe do nosso trabalho, esse comércio gostava muito sabe...eu nem vou dizer dos outros lugares, aqui a gente é, é acho que uns 250, ai tem nossa família, tem mulher, tem filho, tem nora..tudo tem necessidade né, se a gente vem compra..tem credito, eu tenho..compro, pago direitinho..ai eles vendem muito. Depois que eu entrei na APA fiz toda... Esse acompanhamento né e venho reformando tudinho o que a gente já tinha devastado. Então agora ta toda reflorestada, tem tudo tudo lá dentro da minha propriedade...o lucro vem mais tranqüilo, as vez demora mas vem. O mercado é muito grande, tem sempre que se comer e tem poucos que plantam, né, como fazer isso, ai é um problema grande..tava indo até muito bem..vendia bem..eu vejo assim, esse negócio de.. de mandar lá pra fora palmito, era muito palmito..ai a gente nem vendeu aqui como fazia e nem ganhou lá.Tinha que ter calma né, faltou isso. Eu não entendo muito disso não, só sei que o meu palmito ta ai no meio, vamos ver como vai ficar, que foi, foi..agora tem que ver com o pessoal aqui da APA..o pessoal que falou com o home lá de fora..O que mais a gente precisa agora é ajuda..tá difícil de banco ajudar, de prefeito ajudar, de alguém ajudar...a gente vai levando a vida...não quer dizer porque, mas nós já sabe..não adianta..quando a gente pensou que tava tudo muito bem veio isso, e só que já vem de tempo.....porque só agora fala né, não disse antes.....lindo, bonito...ela nem fala mas com a gente..nunca ta..ta é com medo..a gente não tem o que fazer..os empregados..já lhe falou o outro né, eles foram lá pro juiz mas pelo que eu sei não tem dinheiro não..o que é da APA é só as motos..sabe onde estão? Lá com ela..ela diz que tão quebradas..quem quebrou?Só ela e o Lindomar que usavam..o carro é da prefeitura e o home já disse que quer e que não quer quebrado..ai ela chamou a gente pra pedir ajuda pra arrumar ocarro..não, não mesmo, a gente é do mato mas não burro não né dona? Cadê o dinheiro todo do nosso palmito? Ela não sabe o que houve, mas cadê os papéis? Não sabe..o prefeito saiu uma fera..ele não vai ajudar ninguém aqui não, ele também planta, só que o dele não é sitio não é fazenda...vai ligar..ele quer o carro e aquele terreno lá que lhe mostrei das mudas..ai é certo acabou

mesmo..ai eu perguntei pra eles e essas máquinas, são da APA? Não são dos projetos..vai pra onde? Não sei, não sei...eu to já cheio disso..falei com os amigos e vamos para uma cooperativa, sem eles né. Eu planto tudo direitinho, tenho o palmito, tenho acerola, o cupuaçu..aquele, é o araçá, sabe qual é? A gente faz o licor...tenho açaí..tem tido gente atrás..tá assim pouco plantado sabe..quem tem vende bem..eu levo pra feira, tenho meus compradores que vão lá no meu sitio...agora ta bom chegar lá..a estrada ta boa..e vou continuar a vida né até o home lá de cima dizer venha.